

Un inédito de Tomé de Jesús: *Vida de Frei Luís de Montoia* (2ª parte: capítulos XI-XXI)*

POR

EDUARDO JAVIER ALONSO ROMO
Universidad de Salamanca

[*Continuamos con la edición de este texto, hasta ahora inédito, del agustino portugués Fr. Tomé de Jesus sobre su maestro Luis de Montoya*]¹.

[57r] Cap. XI: Dos Mosteiros que frei Luis fez

El-Rei Dom João o terceiro, vendo a virtude de frei Luis, e a muita observancia em que punha seus subditos, e a conformidade que elle e seu companheiro tinham, deu-lhes toda ajuda que elles quizerão pera sua reformação ir por diante, assi emos [*de*] acreditar, com mostras publicamente, que os tinha em muita conta e lhes fazer muitas honrras e terem com elle quanta entrada quisessem, *pera elle lhes offerecer* [?]² da sua fazenda tudo o que lhes pedissem pera edifficios dos mosteiros da provincia. E se elles forão appetitosos de fazenda e grangeados de bens temporaes, tiverão pera isso a privança do Rei tão favoravel e sua liberalidade [57v] tão longa, que segundo nelle se enxergava, tudo puderão facilmente alcançar.

Mas forão estes padres tão commedidos que nunca quizerão pedir senão aquilo de que evidentemente tinham estreita necessidade. Porque pretenderão fazer grandes edifficios de virtudes e não de fazenda temporal, lembrando-sse

* En esta ocasión señalamos las palabras con letra cursiva, sin corchetes.

¹ Véase la primera parte del mismo (capítulos I-X) en *Archivo Agustino*, 93 (2009), 161-203. Como allí señalábamos, se trata de una especie de gran apéndice documental a nuestro libro *Luis de Montoya, un reformador castellano en Portugal*, Guadarrama, Ed. Agustiniiana, 2008.

² En este caso la tachadura es gruesa y, por otra parte, no hay ninguna interpolación de la segunda mano.

que neste reino as ordens que mais depressa se perderão e relaxarão o rigor da observancia erão as que mais renda tinham³; e que a nosso estado milhor estava ter necessidades que sobejar-nos, como diz nosso padre S. Agostinho na regra⁴. E muitas vezes ouvi dizer a frei Luis que debaixo da cor de adquirir pera a hordem se encerra grande cobiça e escandalo dos christãos, e que muito mor fruto fazem os religiosos na Igreja de Deos quando tem necessidades dos fieis [58r] que quando elles se vem cheos de necessidades em suas casas e as nossas sobejar-lhe o temporal. Polo que perguntando a frei Luis el-Rei Dom João, per vezes que avia mister, e dando-lhe occasião pera lhe pedir, lhe vi responder que Sua Alteza podia dar o que lhe parecesse que era serviço de Deos, e apertado da necessidade a pedir cousa certa, vinha a pedir tão pouco como quem vivia num perpetuo medo de vir a ordem ter muito de seu. Porque dezia elle que o cuidado de pedir o necessario distrahia pouco, mas o de grangear muita fazenda danava muito.

E assi deixarão estes padres a provincia tão pobre de bens temporaes que, tirando as esmolas que continuamente fazem os principes e os fieis aos mais dos mosteiros della, posso com verdade dizer por experiencia de mais de trinta annos, que quasi não tem renda de seu [58v] com que estreitamente se possam prover de comer e vistido: porque pretenderão deixar-nos mais acreditados de virtudes e boa reformação que de fazenda temporal.

Pois para seus parentes quizerão tão pouco de el-Rei, que frei Luis pera hũ sobrinho seu que tinha cativo em terra de mouros, que se chamava Jeronimo de Montoia, quis so de el-Rei aceitar resgate e as mais merces que lhe fizesse fossem por elle merecidas, como mereceo servindo a el-Rei muitos annos em Arzila⁵, como mui esforçado cavaleiro. O qual aprendendo de seu tio o comedimento de pedir nunca a el-Rei, [nãõ] pediu mais que o que bastava pera manter sua casa com hũa honesta mediania, e isto não em merces de fazenda que pudesse deixar a seus filhos ou parentes, mas que lhe el-Rei podesse tirar cada vez que [59r] quisesse.

Mas pera a hordem aceitarão as merces que el-Rei quis fazer, principalmente pera fabrica de algũs mosteiros necessarios pera conservaçoão da reformação da provincia. Renovarão a mor parte do mosteiro de Lisboa⁶, que de officinas era mui pobre. Fizerão de novo todo o mosteiro de Evora, no mesmo

³ Sobre el tema de la relajación de los religiosos lusos, puede verse José Sebastião da Silva DIAS, *Correntes de sentimento religioso em Portugal (séculos XVI a XVIII)*, Coimbra, Universidade, 1960, I, 47-59, especialmente.

⁴ *Regla de san Agustín*, cap. III, n.º 5.

⁵ Arzila es una ciudad de la costa norte de Marruecos. Fue una posesión portuguesa entre 1471 y 1550 y, nuevamente, entre 1577 y 1589.

⁶ Cf. E. J. ALONSO ROMO, *Luis de Montoya*, 58-60.

lugar donde antes estava, e o povoarão de religiosos de sua criação⁷, e o mesmo rigor e observancia em que forão criados no mosteiro de Lisboa.

E avendo poucos annos que el-Rei fundara a Universidade de Coimbra⁸, quis que ouvesse nella collegio da nossa ordem pera que tambem nesta provincia com as virtudes não faltassem letras. A occasião que pera mandar fazer este collegio sem lho a hordem pedir foi que pedio elle a frei Luis e seu companheiro que lhe dessem religiosos pera mandar ha India; como pedio à hordem de S. [59v] Domingos e de S. Francisco, que forão os primeiros que ha India forão⁹. A que os padres responderão que tinham poucos letrados e gente muito nova pera tamanha cousa. Pelo que el-Rei lhes mandou que fossem logo fazer hum mosteiro de quantos religiosos quisesem na sua Universidade, pera que pudesse esta provincia ter sua parte em tão gloriosa empresa como era a conversão das almas do Oriente¹⁰.

E porque com esta tenção este cristianissimo Rei offereceo a hordem este novo mosteiro e com ella foi por frei Luis de Montoia com muito fervor aceitado, prouve a nosso Senhor cumprir estes bõs desejos por el-Rei Dom Sebastião nosso senhor, depois da morte de el-Rei seu avo e de frei Luis, com fazer merce à hordem de se servir dos religiosos della na sua conquis-[60r]ta espiritual de Persia, e na conservação e acrecentamento da nova cristandade da Mina¹¹ que lhes tem encarregado; aonde ha sua custa e compromisso de todo o necessario os tem mandado; e com irem ajudar as almas que na ilha de S. Thome e bispado de Congo vivem¹².

No anno de 1542 a treze de Novembro, avendo pouco mais de sete annos que frei Luis estava em Portugal, entrou na cidade de Coimbra com vinte religiosos a fundar o novo mosteiro e collegio que el-Rei Dom João mandava fazer. E a vinte e hum do mesmo mes, dia da Apresentação de nossa Senhora,

⁷ Cf. Maria do Céu Simões TEREÑO, "O convento de Nossa Senhora da Graça em Évora", en Virgínia Fróis (Coord.), *Conversas à volta dos conventos*, Évora, Casa do Sul, 2002, 273-286.

⁸ Fundada en 1290, la Universidade portuguesa sólo se asentó definitivamente en Coimbra en el año 1537, procedente de Lisboa.

⁹ De modo corporativo los primeros religiosos que se establecieron en la India fueron los franciscanos (1517), seguidos de los jesuitas (1542) y de los dominicos (1548). Los primeros agustinos llegarían en 1572. Cf. Carlos Alexandre de MORAIS, *Cronologia geral da Índia portuguesa (1498-1962)*, 2ª ed., Lisboa, Estampa, 1997, 31, 46, 51, 66.

¹⁰ Cf. Carlos ALONSO, "La fundación del collegio agustiniano de Ntra. Sra. de Gracia de Coimbra (1543-1551)", *Revista da Universidade de Coimbra*, 36 (1991), 327-341.

¹¹ Se refiere a la fortaleza portuguesa de São Jorge da Mina, actual ciudad de Elmina, en Ghana (costa de África Occidental).

¹² Cf. Teófilo APARICIO LÓPEZ, *La Orden de San Agustín en la India (1572-1622)*, Valladolid, Ed. Estudio Agustiniano, 1977; Carlos ALONSO: "Los Agustinos en la isla de Ormuz (1573-1622)", *Archivo Agustiniano*, 92 (2008), 125-140.

se começou nelle o primeiro curso de artes. E a treze de Janeiro do anno seguinte de 1543 se começou o edefficio delle em que eu lancei a primeira pedra, e porque nelle estive ate ser acabado, falarei delle mais largo¹³.

[60v] E ainda que digo que se fundou novo collegio, não quero dizer que forão estes os primeiros que da nossa hordem collegialmente viverão na Universidade de Coimbra; porque antes disto ouve cathedra de Theologia na Universidade frei Gaspar do Casal¹⁴, religioso da nossa hordem que se nella graduou. E depois foi confessor de el-Rei Dom João o terceiro e ora he bispo de Leiria. E os primeiros religiosos que collegialmente viverão e estudarão na Universidade de Coimbra, depois dos Conegos regrantes¹⁵, forão os da nossa ordem, cujo reitor era frei Gaspar Cão¹⁶, que *ora he* <foi> bispo de S. Thome, os quais, ouvida sua Theologia e repartidos pelos mosteiros da provincia, esteve a Universidade sem religiosos nossos perto de dez meses, ate que forão fundar este collegio de que [61r] falo, e depois de fundado e de todas as ordens terem collegios na Universidade, foi o nosso collegio incorporado por el-Rei Dom João ha Universidade, muitos annos primeiro que todos os outros.

Não se pode escrever em quanta religião e virtude fundou frei Luis este collegio, principalmente em oração, humildade e recolhimento. Todos os dias ha tarde se confessavão todos e tinham oração. Muitas vezes levava os religiosos ha cerca do mosteiro e, depois de recreados hum pouco, os ajuntava e lia hum capitulo de algum livro devoto, e depois os mandava apartar cada hum por si a orar. E quando lhes fazia sinal, se recolhião pera casa com silencio; porque dizia que as saidas dos religiosos aos campos avião de ser como as de Isac, de que diz a Escritura Sagrada que sahia a contemplar pelo campo¹⁷. Nos dias santos do inverno [61v] os ajuntava a todos assentados no chão e por gozijo preguntava ali a cada hum por seus exercicios ou pontos de sermões, se

¹³ El colegio agustiniano *da Graça* se construyó en la rua da Sofia de Coimbra, junto a otros colegios religiosos fundados por entonces: franciscanos (Colégio de S. Boaventura), cistercienses (Col. de S. Bernardo), dominicos (Col. de S. Tomás) y carmelitas (Col. de Nossa Senhora do Carmo). No lejos quedaban, además, los colegios de los jesuitas, trinitarios, jerónimos, etc.

¹⁴ Fr. Gaspar do Casal (+1584): obispo de Funchal (1551), después de Leiria (1557) y finalmente de Coimbra (1579). A pesar de lo afirmado por Fr. Tomé, Gaspar do Casal no aparece en el catálogo exhaustivo de los profesores universitarios dirigido por Manuel Augusto RODRIGUES, *Memoria Professorum Universitatis Conimbrigensis, I: 1290-1772*, Coimbra, Arquivo da Universidade, 2003.

¹⁵ Se refiere a los Canónigos regulares de san Agustín, asentados en el monasterio de Santa Cruz de Coimbra.

¹⁶ Fr. Gaspar Cão fue obispo de la diócesis africana de S. Tomé entre 1554 y 1572, siendo su primer obispo efectivo.

¹⁷ Cf. Gn, 24, 63.

os tinham ouvido, ou algũs bõs costumes se era necessario reformarem-se, ou duvidas spirituais de edifficacão ou outras cousas proveitosas, com tanta alegria e doutrina que ficavão os religiosos juntamente desenfadados e edifficados.

Seis ou sete annos em que não tiverão celas, ainda que ele a tinha, sua estada era quasi sempre no coro, diante do Santo Sacramento, e dizia que ali estava melhor agasalhado que em outra ninhũa parte, e de noite enquanto não ouve celas feitas pera todos, elle não dormia na sua cela, mas com todos os outros religiosos nũa casa¹⁸.

E porque as letras não fossem occasião de espirito de soberba nos religiosos¹⁹, trabalhava por conserva-los na mesma [62r] simplicidade, mansidão, cortesia e sogeição em que forão criados sendo noviços, nem dissimulava sem castigo qualquer piquena presunção.

Fundou este collegio em muito exercicio de letras e muita occupação do tempo, e em tanto recolhimento que algũs annos que entre os padres estive antes de ter o habito da ordem²⁰, comendo à mesa cos padres e andando com elles sempre, me não falava nenhum delles sem licença, nem vi nunca nelles liviandade de que pudesse tomar mau exemplo; e avia tanta charidade e irmandade que não sofrião antre si a nenhum desconsolado nem triste, porque como o avia, logo erão muitos com elle a o consolar e alegrar.

Nesta Universidade e cidade foi tido este santo padre em grande reputação de virtude e tão seguido e ouvido em suas pregações, que onde elle pregava avia sempre grandes concursos de gente.

Nas obras que fazia não soffria [62v] ninhũa curiosidade²¹, e tanta conta tinha que se não gastasse em cousa desnecessaria ou curiosa a fazenda de que el-Rei lhe fazia esmola, como si fora propria. Dizia muitas vezes que os mosteiros avião de ser fortes e avião de ter boas celas e boa igreja²², porque estes lugares erão os proprios dos religiosos, e avião de ser tais que convidassem aos religiosos a os continuar.

Feito conveniente gasalhado no collegio novo pera nelle se poderem recolher os religiosos que ate então moravão em casas de aluguer, fez frei Luis

¹⁸ Parece en el sentido de 'dependencia o habitación'.

¹⁹ Este tema fue una preocupación importante de la observancia agustiniana.

²⁰ Fr. Tomé se educó en Coimbra con los agustinos, antes de marchar a Lisboa, en 1547, para hacer el noviciado. Profesó el 27 de mayo de 1548.

²¹ En el sentido de 'cosa singular o de ostentación'.

²² La iglesia está a la derecha y presenta una imagen de la Virgen y esta inscripción: "Salve, sancta Parens, enixa puerpera Regem" (es el inicio de la antífona de entrada de las misas marianas). Tras la exclaustación, la iglesia fue entregada a la *Irmandade do Senhor dos Passos*.

benzer todo o circuito do mosteiro o primeiro dia de setembro do anno de 1543²³, que era sabado da outava de nosso padre S. Agostinho, polo bispo Dom Ambrozio²⁴, que fora religioso da nossa ordem, e dia da Natividade de nossa Senhora do mesmo mes²⁵ fez dizer missa em pontifical ao mesmo bispo nelle. Preparado tudo, a cinco de Ou-[63r]tubro do mesmo anno, a sexta feira, entrou nas casas do collegio novo com procissão e cantos e himnos. Isto tinha muito por costume fazer quando começavão usar dalgũa casa nova, acabado o refeitório, o primeiro dia que começavão nelle a festa que fez foi ir com todos em procissão cantando louvores de Deos, e o mesmo fez o primeiro dia que se pasarão pera o dormitorio novo, porque tudo queria que se devese e se tornase ao Senhor cujo era.

Enquanto el-Rei não deu renda a este mosteiro dava tudo o que era necessario aos religiosos delle, que forão sete ou oito annos, e isto com tanto amor que ate *facas e as cousas da cozinha* <as cousas muito miudas pera serviço das officinas da casa> mandou que lhes dessem em muita abastança. Mas assi usavão os padres frei Luis de Montoia e frei Francisco de Villafranca deste mimo e amor deste excellente Rei, que tudo o que dava era mais por devação que por lho pedirem e sempre excedeo o gosto [63v] del-Rei em dar ao dos padres em receber. E daqui veio não quererem aceitar muitas esmolas que lhes elle quisera fazer com muito gosto. Mas querendo-se tirar do gosto de manter estes religiosos e perpetuar o collegio que fizera com terem renda perpetua, offereceo a frei Luis hum mosteiro da ordem de S. Bento, de Ceite²⁶, no bispado do Porto, que rendia trezentos mil reis e outras cousas da igreja, o que elle e frei Francisco de Villafranca, seu companheiro, recusarão aceitar polo averem por grande carrega, e querendo antes viver das esmolas del-Rei e fiar-se da providencia de Deos, que não faltaria com o temporal a seus servos. E tanto que persuadindo meu pai, Fernão d'Alvares Dandrada²⁷,

²³ Aún se conserva la inscripción latina de la puerta del Colegio: "Collegium Ordinis divi Augustini Dominae Nostrae Gratiae dicatum a piissimo Johanne tertio rege conditum et dotatum. Anno DXLIII". Actualmente es la sede de la *Liga dos Combatentes*.

²⁴ Ambrósio Brandão, natural de Oporto, había sido provincial y vicario general-reformador antes de ser elegido obispo titular Rossionense en 1520. Falleció en 1559. Cf. C. ALONSO, *Os Agostinhos em Portugal*, 49-50.

²⁵ Día 8 de septiembre de 1543.

²⁶ Se trata del monasterio de São Pedro de Cete (concejo de Paredes, distrito de Oporto), fundado antes del año 924 y restaurado a finales del siglo XI. Gobernado por abades comendatarios durante la primera mitad del siglo XVI, en 1551 João III lo anexionó con todas sus rentas al Colegio da Graça de Coimbra, pero los agustinos sólo pudieron tomar plena posesión del monasterio en 1613, cuando murió el último benedictino. Cf. J. Barbosa PINTO, *Mosteiro de Cete: momentos da sua história*, Braga, Livr. Cruz 1972.

²⁷ Fernão Álvares de Andrade (o Andrade), casado con Isabel de Paiva y padre de los escritores Francisco de Andrade, Diogo de Paiva de Andrade y Tomé de Jesús.

Thesoureiro mor do Reino, a frei Luis como amigo seu que era muito familiar que o aceitasse e que se aproveitasse do tempo, pedindo a el-Rei pera a ordem [64r] o que lhe fosse necessario, porque depois não sabia o que faria, zombando lhe respondeu: “*I-vos pera bono* [?], não entendeis que a religião de S. Agustinho não ha de crecer senão com necessidades temporaes. Se meus religiosos forem servos de Deos, elle os provera e tera cuidado delles”. Trazia pera isto a boca muito aquella palavra que o santo velho Thobias disse a su filho: “Muitos bens teremos se temermos a Deos”²⁸. E si por derradeiro aceitou a rrenda daquele mosteiro de Ceite que lhe el-Rei dava, foi por lhe o Thesoureiro mor afirmar que el-Rei o dava pera se descarregar e por não poder sua fazenda suprir a tantos gastos. E ainda que el-Rei ouve breve pera se extinguir este mosteiro, todavia frei Luis não pode acabar consigo que se perdesse o culto divino e ser Deos naquelle lugar [64v] por religiosos servido e louvado, pois pera esse fim fora por Dom Egas Moniz, aio del-Rei Dom Afonso Anrriques, primeiro rei de Portugal, edificado pera sua sepultura²⁹. E assi ate que se celebrarão nelle todos os officios divinos como dantes se celebravão por religiosos da nossa ordem.

Esteve frei Luis por Reitor e prior neste collegio de Coimbra nove annos e meio³⁰, onde leo Theologia algũs annos a seus religiosos e lhes era hũ retrato e espelho de toda a virtude e perfeição. E como quem sempre esperava pola morte, fez nelle seu testamento, como o glorioso Sam Francisco³¹, que he o seguinte.

Cap. XII: Do testamento que frei Luis fez muitos annos antes que morresse

[65r] Trazia frei Luis tão vivo o desejo de ver a Deos, que cada ano lhe parecia que lhe faria Deos merce de ser aquella o derradeiro de sua vida e desterro. E por isso fez seu testamento em que deixou seus filhos, que com leite espiritual criara por herdeiros da melhor e mais rica fazenda que tinha, que era amor de Deos e da virtude e zelo da sua honrra e serviço, e da observancia dos costumes da religião, e dizia desta maneira.

²⁸ Cf. Tob 4, 21.

²⁹ En realidad, Egas Moniz (1080-1146) fue sepultado en el cercano monasterio, también benedictino, de Paço de Sousa (concelho de Penafiel, Oporto), donde aún se conserva su túmulo.

³⁰ Desde el 13 de noviembre de 1542 hasta mediados de 1552 en que regresó a Lisboa.

³¹ Se trata del celebre “Testamento” que Francisco de Asís compuso en la Porciúncula, durante las últimas semanas de su vida, hacia los meses de agosto y septiembre de 1226. El texto puede verse en *San Francisco de Asís. Escritos, biografías, documentos de la época*, Madrid, BAC, 1978, 120-124.

Testamento de nosso padre:

Sereis, filhos meus, todos mui verdadeiros irmãos e amigos em Christo Jesu. Assi que cada hum procure levar consigo seus irmãos a Deos, indo diante a porfia, pelo caminho das virtudes: da humildade, paciencia e obediencia.

Todos obedeção ao prelado como a padre e tenham-lhe [65v] reverencia, como a Deos, cujo lugar tem, como esta escrito: “Quem a vos ouve, a mim ouve, e quem a vos despreza a mim despreza”³².

O prelado ame a todos como a filhos, e honrre-os como a irmãos e sirva-os como a seus senhores, cujo servo he, por amor de Deos, o qual disse: “Quem for maior entre vos faça-sse como menor, e que precede como o que ministra”³³.

Os irmãos fação seus officios e as obediencias que lhes encomendarem com alegria e com diligencia, e tanto as fação com mais prazer quanto forem mais baixas e vis, porque ali mostrão mais a humildade e o amor que tem a seu bom mestre Jesu, que humilhou a ssi mesmo, feito obediente ate morte de cruz³⁴. Pois, filhos meus, vede que ainda não der-[66r]ramastes o sangue polla obediencia³⁵, nem sofrestes bofetadas nem outras grandes injurias por amor de nosso bom mestre Jesu. Pois porque vos turbais ou anojais quando vos mandão hũa piquena obediencia contra vossa vontade?

Nenhum de vos queira seguir seu proprio parecer e sua propria vontade, porque estas duas são as lepras dos religiosos que os fazem leprozos e apartados de Deos. Antes cada hum folgue de fazer a vontade de seu prelado e de seu irmão, ainda que seja contra seu proprio parecer e vontade. E não tenhais por piquena virtude negar nossa vontade, ainda nas cousas piquenas: porque isto he muito agradavel a Deos que no-lo ensinou quando [66v] disse: “Quem quiser vir tras mim, negue a ssi mesmo”³⁶, etc.

Tende zelo do serviço de nosso Senhor, que o officio divino se diga bem e as missas se celebrem com mais devação, e cada hum procure de rezar e cantar e fazer o que nisto lhe pertence e prover o que ha de dizer. Assi que de sua parte se não faça falta; e com seu exemplo provoque seus irmãos ao mesmo³⁷.

Tende zelo de vossos costumes, que se guardem inteiramente, e não tenhais em pouco quebrar ainda as cousas piquenas, pois que dahi vem a perder-se de todo os bons costumes. Porque, quem não faz caso das cousas mini-

³² Lc 10, 16. Cf. *Regla de san Agustín*, cap. VII, n.º 1.

³³ Lc 22, 26. Cf. *Regla de san Agustín*, cap. VII, n.º 3.

³⁴ Flp 2, 8.

³⁵ Cf. Heb 12, 4.

³⁶ Lc 9, 23.

³⁷ Cf. *Regla de san Agustín*, cap. II, n.ºs 1-4.

mas, pouco a pouco caie³⁸. [67r] Daqui se segue que se virdes vossos irmãos fazer algũa falta nas virtudes e bõs costumes, o aveis de avizar com charidade e brandura, e avisar ao prelado pera que proveja como se emmende e castigue o que vir que se deve emmendar e castigar³⁹, conforme aquilo que diz o Apostolo: “Se for tomado algum homem em algum delitto, vos que sois amigos spirituaes ensinai a este tal com spirito de brandura, atentando por si mesmo, não sejas tambem tentado”⁴⁰.

Não vades fora do circuito de vosso mosteiro sem necessidade. A orta e cerca podereis ir quando parecer a vosso prelado, pera louvar a Deos em suas obras e desfadar-vos hum pouco, como diz o psalmista: “Deleistaste-me [67v] Senhor em tuas creaturas e nas obras de tuas mãos me alegrarei”⁴¹.

Servi todos a nosso Senhor com alegria⁴², e não consintais que ninhũ irmão estea triste, se for possivel, porque vos conformeis com nosso bom mestre Jesu, do qual esta escrito: “Não sera triste nem carregado, nem brada-
raa”⁴³.

Hüs a outros honrrai em vos a Deos, do qual sois feitos templos⁴⁴, principalmente aos sacerdotes aveis de honrrar como a anjos, e ao prelado onde quer que o topardes vos inclinai com amor e reverencia⁴⁵.

Quando vem seculares falar com religiosos, vem buscar o proveito de suas almas. Aveis de falar com elles, com licença, cousas espirituas e san-[68r]tas, e dar-lhes muito bom exemplo, que vam edificados de vos; e he mi-lhor que sejam esas praticas breves, por não perder tempo com elles. E se estando com algum secular tangerem a algũa obediencia, logo vos despedi pera hir onde vos chamão.

Ninguem mande fora ninhũ recado por moço de casa nem por outrem em ninhũa maneira, mas digão ao prelado que proveja em tudo o que for necessario.

Os confesores que estão pola ordem assinados pera confesar seculares, olhem o officio que tem de juizes arbitros entre Deos e os peccadores, que saibam bem o que fazem e o que absolvem, porque errando a chave, não estara Deos por sua sentença. E assi como podem aproveitar muito nesta obra se a

³⁸ Eclo 19, 1. Aquí el autor repite consideraciones ya expresadas anteriormente: T. de JESUS, *Vida de Fr. Luis*, ff. 23v-24r.

³⁹ Cf. *Regla de san Agustín*, cap. IV, n.º 8.

⁴⁰ Gal 6, 1.

⁴¹ Cf. Sal 8, 4 y 9, 2.

⁴² Sal 100 (99), 2.

⁴³ Cf. Is 42, 2.

⁴⁴ Cf. *Regla de san Agustín*, cap. I, n.º 8.

⁴⁵ Cf. *Regla de san Agustín*, cap. VII, n.º 1.

fazem bem, sendo [68v] ajudadores de Deos pera salvar os peccadores; assi se a fazem mal, encarregam muito suas consciencias. Procurem tirar de todo as offensas de Deos, com charidade e santo zelo e insinem a seus confesados exercicios de toda virtude e de humildade, paciencia, devação, e oração e obras santas de piedade. E se elles fizerem isto em si primeiro, da abundancia do coração, insinarão milhor⁴⁶.

Aos homens que se vierem confesar, confesem com licença do prior, com charidade todos, sem aceição de pessoas.

Nas confições das molheres am de ser mais atentados⁴⁷, que não tomem demasiada familiaridade e communicação com ninhũa molher. Confesar [69r] molheres na igreja estando o confesor dentro da grade, como tem de costume, a oras e tempo que aja gente nella⁴⁸. Porque ainda que sua conciencia esteja diante de Deos, pode nisto padecer detrimento nossa fama ou dar-se aos fracos que o vem e ouvem materia de suspeita. E o Apostolo nos manda guardar de toda especia de mal⁴⁹.

Porque os confesores sejam livres pera reprender os peccados, pera dizer a todos a verdade do que lhes cumpre pera salvação de suas almas, e os dões cegão os olhos dos juizes⁵⁰, mando por minha benção a todos os confesores que não recebem cousa algũa das pessoas que confesão pera si nem pera outro, nem pera dar aos pobres. E persuadão seus confesados que dem as esmolas por suas mãos ou por quem quiserem, porque nossos confesores se não embaracem [69v] em tomar cousa algũa temporal, nem pera si nem pera outrem.

Daqui se segue que se algũa pessoa confesada mandar algũa cousa a seu confesor, a não receba elle nem a queira, mas seja posta pollo prelado e comunidade e dali se dee a quem ouver mister, como manda a Regra de nosso padre S. Agustinho⁵¹.

Por guardar esta liberdade os confesores e tirar toda particular affeição, não queirão ter confessadas particulares a quem chamem filhas spirituaes, mas confesem geralmente a todas que lhe mandarem, e persuadam-lhe que busquem a so Deos quando se vem confesar e que não estem atadas a ninhũa creatura, nem ainda a seu confesor, senão a so Deos.

[70r] Estas cousas, filhos meus, vos encomendo muito que guardeis e Deos vos de sua graça e vos faça verdadeiros servos seus. Amem.

⁴⁶ Cf. Lc 6, 45.

⁴⁷ En el sentido de 'vigilantes, prudentes'.

⁴⁸ Cf. *Regla de san Agustín*, cap. IV, n.º 6.

⁴⁹ 1 Tes 5, 22.

⁵⁰ Deut 16, 19.

⁵¹ *Regla de san Agustín*, cap. V, n.º 3.

Este testamento escrito de sua letra mandou acostar ao livro de costumes e estatutos do Collegio, pera que o lessem quando se lessem aos religiosos e estudantes delle.

Cap. XIII: De frei Francisco de Villafranca e de sua morte

Tres annos depois que frei Luis sahio de Coimbra (tendo o geral da hor-dem Mestre frei Cristovão Patavino, que succedeo ao Cardeal Siripando, confirmado a elle e a seu companheiro frei Francisco de Villafranca no carrego de vigarios geraes)⁵², foi nosso Senhor servido de lhe tirar seu companheiro e dar-lhe [70v] o premio de seus trabalhos. Foi frei Francisco de Villafranca pi-quo de corpo, carregado no sembrante, mas de muita authoridade.

Foi homem de muita prudencia e conselho, de grande engenho e avido pello maior pregador que em seu tempo se sabia em Espanha⁵³. Tinha em seus sermões muita graça, muito bom orgão de fala, movia tanto os corações que parecia que os tinha na mão, de maneira que em breve espaço fazia temer e confiar, chorar e rir, espantar e enternecer, e não avia cousa que não persuadis-se se quisesse. Começou a pregar sendo de ordens de evangelho⁵⁴, de idade de vinte annos, por ter pera isso grande talento. Escrevia seus sermões em mui breves pontos, mas logo em cada palavra se enxergava viveza de engenho e de conceitos.

<Tudo isto que aqui vai riscado não ho aprovo pera se imprimir>. *Teve dom de Deos de conhecer espiritos. [71r] Nenhum medo tinha a lugares nem cousas medonhas. Num mosteiro de Castella lhe aconteceu que se foi so de noite a hua crasta⁵⁵ buscar o demonio que nella fazia grande estrondo, e vendoo em figura humana negra, se foi apos elle, dizendo que se fosse pera maltito, que aquele lugar não era seu, senão dos servos de Deos que nelle o servião. No*

⁵² El General le escribió "Munus itaque susceptum constanter exigas, dum rem nobis cupis praestare gratissimam"; *Dd*, 24, ff. 88-90, cit por A. de Jesus MARQUES, "Frei Sebastião Toscano na conjuntura religiosa da sua época", *Revista Portuguesa de História*, 7 (1957), 421. Cf. David GUTIÉRREZ, "La provincia agustiniana de Portugal en los años 1546-1566", *Archivo Agustiniano*, 66 (1982), 38.

⁵³ Comentario claramente hiperbólico, de hecho no se conoce ningún sermón suyo; cf. G. de SANTIAGO VELA, *Biblioteca*, VIII, 211-212. Por otra parte, sabemos que tuvo dificultades con el arzobispo de Lisboa D. Fernando de Vasconcelos, que llegó a prohibirle predicar en el convento da Graça, hacia el mes de diciembre de 1543. Vid. J. S. da Silva DIAS, *Correntes de sentimento religioso em Portugal*, II, 633-637, donde publica documentación inédita.

⁵⁴ Diácono.

⁵⁵ Arcaísmo que significa 'claustra, claustro'. *Dicionário Houaiss*, I, 1117 y 956.

mosteiro de Lisboa, visitando o noviciado hũa noite bem quieta, lhe fecharão com grande estrondo as portas, que erão bem grandes; querendo elle sair, ellas tornarão a abrir com o mesmo estrondo; e não quis dizer do que vio mais que aconselhar aos religiosos que olhasem por si, e que servissem muito ao Senhor, porque andavão por alli inimigos que lhe avião enveja.

Não confessava ninguém senão seus religiosos e a Rainha Dona Catharina⁵⁶, nossa senhora; e por isso, vindo hum dia um homem honrrado pera se confessar com elle, o mandou despedir, dizendo que [71v] lhe chamassem qualquer outro confessor de casa que elle quisesse. Mas porfiando o homem depois menã ate noite em se não hir da portaria nem se confessar com outrem senão com elle, ja noite, com escrupulo de o não ouvir, o mandou agasalhar e dar de comer, e depois de recolhidos todos os religiosos, se foi com elle a hũa capelinha que então estava num quintal da samcristia muito só, e com hũa candeia no altar o começou a confesar. Acudirão logo os demonios a impedir a occasião [e] a salvação daquella alma, e apagando a candeia começou a pegar do penitente, que cheo de medo se apegava ao padre. O qual o esforçava que não ouvesse medo, que dicesse tudo, que os demonios não podião fazer mais que inquietar-lo. E pelevava cos demonios, mandando-lhe que se fossem pera tredores e imigos de Deos. E com esta batalha acabou o penitente sua confissão e se agasalhou aquella noite [72r] no mosteiro, e ao outro dia o tornou a confessar e commungar. E a este so dahi por diante confessava algũas vezes. <Naturalmente tinha estamago para cousas medonhas, nem nas que comumente fazendo perdia o acordo de que os de seu tempo contavão casos desacanhados [?]⁵⁷>.

Perguntando-lhe Diogo de Paiva Dandrada, meu irmão⁵⁸, a quem elle isto contou, como não avia medo, <lhe priguntou a razão por que não levava isso a medo [?]>; respondeo que os demonios não podião fazer mal sem licença de Deos, que sem ella em todo o lugar e tempo ficava seguro, e com ella em ninhũ o estava; e dizia que não somente não avia medo dos demonios, mas que muitas vezes elle fazia medo aos mesmos demonios. <por onde parece que ajudava com rezão christam o natural que tinha>.

Não consentia frei Francisco ser muito tratado nem visitado de gente secular. Era tão livre em dar seu parecer, que nem por gosto de principes, nem pelos sentir inclinados a algũa cousa, deixou nunca de dizer o que entendia, e

⁵⁶ Efectivamente, fue confesor de la reina Catalina de Austria, esposa de João III.

⁵⁷ Siguen unas palabras (casi un renglón) ilegibles para nosotros.

⁵⁸ Se trata del célebre teólogo Diogo de Paiva de Andrade (1528-1575), que participó en el concilio de Trento. Fue educado por Fr. Luis de Montoya hasta los 14 años. No confundir con su sobrino homónimo, el también escritor Diogo de Paiva de Andrade (1576-1660).

tão livremente lhes negava o que lhe pedião como a qualquer outro homem particu-[72v]lar, se lhe parecesse que não era serviço de Deos.

Foi julgado por aspero pera seus subditos, mas não o era aos virtuosos, sendo-o muito pera os que se esquecião da sua obrigação. Era tão amigo da Ordem e da sua cela, que nunca quis aceitar bispados que lhe offerecião, e a meu pai⁵⁹ que lhe levou portaria del-Rei pera hũ certo bispado, respondeo que não trocaria o repouso de sua cela por todos los bispados do mundo, estranhando-lhe muito o gosto com que lhe trazia aquelle alvitre.

Tinha grande inclinação a ensinar os pregadores novos o modo de estudar e e pregar, e tinha pera isso admiravel artificio. Seguia a comunidade quando suas doenças, de que tinha muitas, lho consentião. Por amor dellas⁶⁰ visitava poucas vezes a provincia, e frei Luis seu companheiro o fazia cada ano. En doenças de [73r] dores de pedra e gota, era mui paciente; e quando o apertavão muito punha-sse a cantar *Gloria in excelsis Deo*, e outros louvores de Deos.

Era grande corista e mui destro no canto, nem soffria no choro e altar ninhũa falta, nem distraição, nem rebulicio. O modo de seu castigo mais era aspereza de palavra que de penitencias, e tinha nisto tanta severidade que não tinha subdito que não quisesse antes soffrer grande penitencia que hũa repressão sua.

Teve muita graça na conversação, e em alegrar os religiosos, o que costumava a fazer muitas vezes, ora a todos juntos, ora a cada hum em particular. Mas de maneira que nunca ninguem se pode despejar⁶¹ com elle, e [se] no meio de todo o passatempo te queria mandar algũa cousa, ou reprender algum defeito, ficava com tanta authoridade que de improviso parecia ser outra pessoa. Não soffria ver ninguem triste e se cumpria pera alegrar [73v] hum religioso, se fazia mais meigo que hum minino. Assi que num mesmo tempo, era pai e prelado tam inteiramente que a affabilidade de hum não tirava a gravidade do outro. <E no modo de se acomodar as condições e tentações e afãs de cada hũa, parecia que conhecia os corações e entendia os avanços [?] de seus subditos, que he graça que Deos as vezes da aos que ellege pera pastores d'almas>.

Dizia missa quasi cada dia: ate o prefacio muito depressa, e dahi ate o cabo notavelmente devagar. Sendo perto de oitenta anos e a mor parte deles gastados em muitos e muito grandes serviços da religião, e tendo pregado na Igreja de Deos perto de sessenta, e avendo dezanove annos e oito meses que

⁵⁹ El ya citado Fernando Álvares de Andrade.

⁶⁰ Más propriamente sería: "por mor delas".

⁶¹ En el sentido de 'caer en relajación'.

governava a provincia de Portugal, estudando hum sermão pera dia da Anunciação de nossa Senhora, hũa quinta feira vinte e hum de Março, na terceira somana da quaresma do anno de 1555, quis nosso Senhor pera que este seu servo não passasse desta vida sem sacramentos, que entrou o samcristão na sua cela, com que se elle confessava, e por estar pera ir dizer missa [74r] se confessou com elle logo. E em se alevantando de seus pes lhe deu o ar⁶² em toda a parte esquerda que lhe tolheo a fala. Assi esteve ate vinte e seis dias do mesmo mes em que se lhe enxergava que cohecia e estava em si; e em todos estes dias hũa so palavra disse hũa vez, que foi “Jesus”. A qual, porque ninguem a diz senão no Spírito Santo⁶³, confiamos que nelle a diria aquela lingoa que tanto deste Senhor tinha falado, e que por derradeiro neste dulcissimo nome e suavissima palavra acabou de emmudecer.

Deu a vinte seis de Março seu espirito ao Senhor e foi sepultado ha parte do evangelho da capela de Santa Monica, no cruzeiro da igreja antiga, em que estava o jazigo dos religiosos e depois de sua morte se derrubou. O companheiro de sua vida, frei Luis, lhe cerrou os olhos e teve a candeia na mão, e lhe fez o officio de en-[74v]terramento, ficando-lhe não piquena inveja de ser seu companheiro primeiro livre deste desterro, e grande saudade de sua ajuda e conselho pera o carregio em que ficava soo.

Cap. XIV⁶⁴: Do que frei Luis fez depois de ficar so no carregio de vigairo geral

Ficando frei Luis só no carregio de vigairo geral, não alterou o modo de seu governo, e em tudo quanto podia levava avante os intentos de seu companheiro e se rregia polo que lhe lembrava de seus conselhos e porque seu companheiro avia annos que se apersebia pera começar a igreja do mosteiro de Lisboa, por estar a antiga pera cair, frei Luis logo, o anno seguinte depois de sua morte, derrubou a igreja antiga. E a nove de Março do anno [75r] de 1556 lançou a primeira pedra na que agora esta feita, na qual gastou cincoenta mil cruzados, e quando a começou não tinha mais de tres mil que seu companheiro pera isso tinha juntos⁶⁵.

Acabou esta obra em nove annos e meo, em bespora de nossa Senhora d’Agosto, pera a qual el-Rei Dom João deu muita ajuda, e dera toda se não

⁶² *Dicionário Houaiss*, I, 348, s.v. *ar*⁹: ‘acidente, mal repentino, ger. atribuído a golpe de ar; ataque de paralisia’.

⁶³ Cf. 1 Cor 12, 3.

⁶⁴ En el ms.: “XIII”.

⁶⁵ J. ROMÁN habla de cincuenta mil ducados y de tres mil ducados, respectivamente; *Vida de Montoya*, ff. 33r-33v.

falecera antes della acabada⁶⁶. Temos todos por sem duvida que a fe e virtude de frei Luis acabou esta obra⁶⁷ em tão pouco tempo: porque custando a obra duas partes mais do que no começo pareceo que custaria, se vio muitas vezes atalhado, sem ter com que pagasse officiaes. Mas nunca alevantou mão da obra; e quando lhe dezião a falta que avia de dinheiro, respondia que tivessem fe, que Deos proveria. E assi proveo de maneira que por vezes lhe trazião dinheiro sem [75v] saberem quem era o que o dava. E lhe vinhão esmolhas tão extraordinarias, que muitas vezes o vi dizer aos mesmos que tinhão carrego disso que não saberião dar conta por onde os Deos provera de tanto dinheiro.

E hũa grande virtude que em frei Luis sempre se enxergou foi não se ver nunca nelle alteração por falta de cousa temporal, nem dar-lhe cuidado o de que tinha necessidade. Ninhũ abalo fazia nelle perda temporal, por grande que fosse; sintindo por outra parte muito qualquer piquena perda temporal que tinha liga de offensa de Deos. E estando eu hum dia presente, lhe veio hũ official do mosteiro dar conta de hũa perda importante. Respondeo que fosse Deos louvado, que elle proveria. Apos este lhe veio outro dizer que erão furtados algũs [76r] paos de lenha da cozinha. A este reprendeo asperamente porque por sua negligencia dava occasião de offender a Deos quem os furtava.

Tinha por costume levar muitas vezes os religiosos juntos a servir na obra, de que ninhũ se avia de escuzar, senão doente. E porque não costumava mandar cousa que elle não fizesse, elle acarretava a pedra e a cal mais que todos; e sendo velho parcia incansavel no trabalho e lançava con tanta alegria da mão a padiola⁶⁸ que nos fazia não sentir o trabalho, principalmente ao que o ajudava a levar da outra parte. E pedindo-lhe hum dia hum religioso que não quisesse tomar tanto trabalho, que nos ho fariamos, levou-o muito mal, dizendo que não era seu amigo, pois lhe queria tirar seu mericimento. E o que mais delle nos edificava era que andava trabalhando tão recolhido e modesto como se [76v] andasse em oração, nem tomava assi deste trabalho como de qualquer outro mais descanso que lavar as mãos; porque logo se hia occupar em algũa cousa proveitosa.

Neste tempo foi de algũs julgado por ambicioso de mandar, pois avendo tanto tempo que governava a provincia, não fazia nella provinciais que o

⁶⁶ Precisamente Luis de Montoya y Tomé de Jesus estarían cerca del rey D. João III durante su agonía y muerte, producida el 11 de junio de 1557. Así lo muestra el relato de Fr. Tomé, de 14 de junio de 1557, publicado por Camilo CASTELO BRANCO: "Noites de Insónia", en *Obras Completas* - XIV, ed. por Justino Mendes de Almeida, Porto, Lello & Irmão, 1991, 695-700 [694-702].

⁶⁷ Aquí aparecen unas palabras sobre la línea, que no hemos podido descifrar.

⁶⁸ Especie de carretilla para pequeños transportes. Cf. *Dicionário Houaiss*, III, 2723.

tirassem do trabalho. Mas posto que estes juizos nacessem, segundo de fora se enxergava, de zelo do bem comũ, estavam todavia mui longe os que isto julgavão de entender o espirito de Deos por onde frei Luis se governava. Porque como elle se não meteo nos carregos por sua vontade, senão por *providencia daquelle Senhor cuja fe elle vivia*, <obediencia de seus maiores que a isso o obrigarão>, desejando muito não nos ter, não ousava de os lançar de si emquanto *lhos Deus* <a obediencia lhos> não tirava. <Porque sabemos que trabalhou elle muito com o geral da ordem, mestre Fr. Jeronimo Seripando, que o tirasse de mandar e nũca lhe foi concedido. E depois de muita importunação, lhe respondeo o geral que se elle queria fazer sua vontade, que deixasse o officio; mas se queria obedecer, que o tivesse ate a obediencia lho tirar>. Pelo que, dizendo-lhe eu hum dia [77r] familiarmente o que delle julgava, aconselhando-lhe, como mancebo e de pouca experiencia, que por algum tempo deixasse o carregio, pera que nos desse exemplo de bom subdito, como nos tinha dado de perlado; elle tomou na mão hum crucifixo que tinha diante e beijando-o no lado, todo inflamado em espirito, me respondeo: “Filho, este he o meu amor e minha esperanza, minha guia e meu juiz, ninhũa conta faço de ser julgado dos homens, porque nem a mim mesmo me sei julgar. Eu vejo a Jesu dulcissimo e amantissimo posto nũa cruz, donde se não tirou enquanto viveo. Vejo-o só no campo, crucificado por nos outros; elle me pos nesta cruz, elle só sabe quã penosa me he, nunca elle permita que eu me tire della por mim, e que o deixe só crucificado. Elle tem cuidado de mim, quando elle quizer [77v] ma tirara. E então lhe darei por isso muitas graças”. Confesso que fiquei corrido do que lhe disse e por outra parte folguei de lho ter dito, porque edifficado fiquei de ver a pureza daquilla acção e aquella viva fe e inflamada charidade por onde aquila santa alma se governava.

E este passo fou hũa das cousas que mais me moverão a escrever esta historia. Porque tenho por mui rrara cousa conservar coração desapegado de desejo de mandar, com muitos annos de mando, e ter tanto por cruz dignidades que só pelo serem não ousem de as lançar de si, que he desacostumado genero de aborrecer e não engeitar perlasias. Mas o que he difficultoso aos imperfeitos, he muito facil aos que só vivem do amor e honrra e gloria de Deos, como este santo vivia. Tanto que [78r] muitas vezes me dizia que se algũ ora lhe ouvisse palavra em que lhe enxergasse tristeza ou desconformidade do que Deos ordenava, me dava licença que saltasse nelle e lhe desse muitas bobetadas. E se elle fora ambicioso de mandos, occasião teve pera isso em bispos que lhe offerecerão, que elle não quis aceitar.

E parecia-lhe tão mal pender da industria humana mais que da confiança em Deos em negociar as cousas necessarias, que me contou hum dia que tinha escrito hũa carta pera o Thesoureiro mor do Reino⁶⁹, em que lhe pedia

o que lhe el-Rei mandava dar pera os religiosos, e lhe dizia que estava obrigado a o fazer, pois era pera servos de nossa Senhora, por cujo criado se elle tambem professava. E que rompera esta carta, porque quando pos esta palavra, sua tenção fora dize-la por graça e que não que-[78v]ria que ninguem se movesse a fazer nada por graças nem respeito seu, senão polo que Deos lhe inspirasse. E assi não lhe escreveo mais, senão que por amor de Deos lhe fizesse esmolas.

Depois que faleceo seu companheiro, onze anos foi prior do mosteiro de Lisboa, afora o carrego de vigairo geral, e ali residia sempre, salvo quando hia visitar a provincia. Porque, como fizera deste mosteiro cabeça de reformação e nelle só avia criação de noviços⁷⁰, sempre ou seu companheiro ou elle residião no convento de Lisboa, [*pois*] erão priores delle.

Passados onze annos depois da morte de seu companheiro⁷¹, vendo-se já frei Luis muito velho, e que não podia visitar a provincia cada anno, nem entender nas miudezas que o governo do mosteiro ha mister, *fez eleger novo prior, que foi* <decidio [?] ja que fizessem eleição de prior e saio eleito> frei Antonio da [79r] Paixão, homem mui religioso, que depois foi por vigairo geral dos religiosos que mandarão a India⁷². E no capitolo provincial que se fez tres annos antes de sua morte, propos aos padres delle sua idade e a necessidade que a provincia tinha de começarem sua vida e se governar por provinciaes, como depois de sua morte avia de ser, pedindo-lhe que o consultassem, pera que parecendo-lhe a elles tão importante ao bem da religião, como elle entendia que era, se effectuasse aquelle capitolo. E parecendo a todos ser o conselho do Espirito Santo, foi elleito em provincial frei Pedro de Villaviçosa⁷³, velho, virtuoso e letrado, que avia quasi vinte annos que era prelado nos mosteiros da ordem, e de tal maneira acatou isto, que se não apartou daquelle seu intento que temos dito de não ser elle o que se livrasse por seu parecer e vontade da pesada carga [79v] do governo da provincia. Porque propondo seu parecer aos padres do capitolo, quis que a detriminação e execução fosse sua delles, avendo que o que por elles fosse detriminado, seria a von-

⁶⁹ Es decir, el padre del propio Fr. Tomé de Jesus.

⁷⁰ Cf. E. J. ALONSO ROMO, *Luis de Montoya*, 57-58, 71-79.

⁷¹ En el capítulo celebrado en la Pascua de 1566.

⁷² António da Paixão (+1579), encabezaria en 1572 la primera expedición agustiniana a las Indias orientales. Cf. Manuel do AVE-MARIA, *Manual eremítico da Congregação da Índia Oriental* [1817], en *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente. Índia*, ed. por António da Silva Rego, 2ª ed., Lisboa, Fundação Oriente — CNCDP, 1996, XI, 229; cf. XII, 102-103, 109, 111, 247, 289.

⁷³ Pedro de Vila Viçosa fue provincial entre 1566 y 1568. Cf. D. GUTIÉRREZ, "La provincia agustiniana de Portugal en los años 1546-1566", 40.

tade do Senhor, e quanto elle desejava mais estar sem mandos que te-los, bem se ve na seguinte lembrança que elle disto fez⁷⁴:

“Anno Domini 1566, dominica 4^a post Pascham fuit ellectus in provincialem huius provinciae reverendus pater Fr. Petrus de Villaviçosa, et institutus et prior huius conventus olisiponensis Fr. Antonius de Passione, et ego liberatus sum a cura et administratione fratrum et conventuum. Sit Deo laus perennis, qui propter suam misericordiam infinitam abstuli ab humeris meis unus tam grave, propter quo laudo et glorifico Deum meum, qui sit per omnia [80r] benedictus in secula. Amen”.

“No anno do Senhor de 1566 na dominica quarta despois da Pascoa, foi elleito em provincial desta provincia o Rdo. padre frei Pedro de Villaviçosa e feito prior deste convento frei Antonio da Paixão, e eu fui livre do cuidado e administração dos religiosos e conventos. Seja perpetuo louvor a Deos, que por sua infinita misericordia tirou de meus ombros tão pessada carrega, polo qual louvo e glorifico a meu Deos, que seja por tudo bendito. Amem”.

Não diz frei Luis estas palavras, que deixou o carrego dos religiosos, porque deixasse de ser vigairo geral, como era, porque o foi ate morte, mas porque avendo provincial e prior em Lisboa, entendião elles com os religiosos e todas as cousas comitia a elles e elle ficou mais desencarregado pera se dar todo, [80v] sem outra ocupação, haquelle por quem sempre suspirava.

Cap. XV: Do que fez frei Luis despois de ter feito provincial e como o fizeram confessor de el-Rei

Descarregado frei Luis de entender miudamente nas cousas da provincia, viveo pouco mais de tres annos, nos quaes, ainda que não era subdito, deu tam extranho exemplo de recolhimento, quietação, silencio, e de seguir a vida comum dos subditos, que não tivemos nelle menos que imitar neste tempo, do que tivemos que louvar no passado, em que sobre elle só carregavão as cousas do governo da provincia. Porque no coro e nas obediencias elle era o primeiro, na cela era mui continuo, e quando della sahia, alem da modestia natural que tinha, [81r] era tamanho o seu recolhimento exterior adquirido pelo continuo exercicio da oração, que claramente se enxergava quão occupada

⁷⁴ Nueva cita tomada de las anotaciones personales de Montoya.

trazia a alma em Deos. Pello que muito mais insinava então e reprimia seu exemplo os descuidos dos religiosos do que antes o fizera a autoridade de seu officio. Tratava a todos con tanta cortesia como se fora igual ou menor. Em nenhum negocio se metia, senão chamado ou pedindo-o algũa necessidade notavel da religião. Todo o tempo gastava em escrever os livros que fez⁷⁵ e em oração.

Mas gozando desta quietação, delle sempre tão desejada, e empregando-a toda naquelle Senhor pera que elle so vivia, ordenou esse mesmo Senhor que o governava, pera maior mostra de quão desape-[81v]gado estava de tudo, que fosse emleito em confessor de el-Rei Dom Sebastião⁷⁶, nosso senhor, pera que assi no modo de que o foi, como no que o deixou de ser, se visse mais claro quão pouco assento fazião em seu coração todas as cousas humanas.

Pois tendo a rainha dona Catherina, nossa senhora, a seu carrego a cria del-Rei nosso senhor Dom Sebastião, seu neto, e sendo ja de idade que se lhe devia dar confessor, elegeo, com conselho de varões prudentes e de servos de Deos, a frei Luis de Montoia pera isso. Porque afora ter a velhice tal, que assi autorizava o carrego [mas] que não impedia a execução delle, sua santidade era mui notoria e conhecida de todos. Não quisera frei Luis aceita-lo de ninhũa maneira, mas [82r] como era muito sogeito a pareceres aheos, se someteo ao de seus religiosos e de servos de Deos, que com muitas rezões lhe amostrarão quanto importava pera honrra e gloria de Deos e bem comũ, deixar elle sua quietação por servir a hum rei de treze annos, que na idade em que a natureza costumava mostrar seus poderes, começava elle mostrar temor de Deos, amor da virtude e desposição pera se poder nelle plantar todo o genero de bom costume, que a hum rei e a hum cristão são necessarias, se fosse ajudado por homens que não pretendessem da terra nada e a quem a real pessoa dum mancebo, por velhice e por virtude, pudesse ter respeito e someter-se.

E parecendo a frei Luis que resistia a Deos se tivesse nisto mais conta com sua quietação [82v] que com hum bem tão comum e tão importante, o começou a confessar dia de S. João Evangelista⁷⁷, que era na entrada do anno de sesenta e sete, dizendo primeiro a seus religiosos que aceitava isto com condição que em ninhũ negocio temporal da ordem avia de falar aos principes, porque elle não detriminava entender mais que com a alma e salvação

⁷⁵ De hecho, en los últimos cuatro años de su vida publicó casi todas sus obras. Cf. Cf. E. J. ALONSO ROMO, *Luis de Montoya*, 155-157.

⁷⁶ Sobre este fascinante personaje puede verse Antonio VILLACORTA BAÑOS-GARCÍA, *Don Sebastián, rey de Portugal*, Barcelona, Ariel, 2001.

⁷⁷ 27 de diciembre.

daquella real pessoa que lhe encomendavão. O que guardou tão estreitamente emquanto o confessou, que quando avia negocios da ordem que cumpria falar-se aos principes, seu companheiro era o que os tratava, e elle só do que cumpria a *salvação* [?] del-Rei nosso senhor.

Começou com este novo officio a ler e a estudar de novo tudo o que cumpria ao estado [83r] e obrigação de um rei e porque lhe disserão que avia muitos livros em italiano que podião aproveitar e danar (que he lingua que a mais da gente nobre portuguesa trabalha e folga de saber)⁷⁸, pola elle não saber, a começou de novo aprender, pera que lhe não ficasse por ler cousa que pudesse danar ou aproveitar a el-Rei nosso senhor⁷⁹.

Foi muito bem recebida da mor parte da gente esta elleição que a rainha nossa senhora fez. Mas frei Luis, desde que entrou neste cargo ate que o nosso Senhor tirou delle, sempre troxe com elle requerimento que lho tirasse e lhe tornasse, se elle fosse servido, o recolhimento de sua cella. Estando hum dia em oração na cella lhe foi pedir hũ religioso enfermo licença pera se ir recrear da doença, e o santo varão, como quem estava [83v] em outra occupação, apontou pera hũa imagem do *Ecce homo* que ante si tinha e dixeu com muito fervor: “Eu trago com aquelle seu requerimento que me livre destas prisões del-Rei e do paço e *ha-mo* <espero que mo ha> de conceder. E cuidando o religioso que lhe queria nisto dizer que era melhor o recolhimento do mosteiro que os passatempos, respondeo que faria o que elle mandasse. Mas o padre santo, que falava mais ao preposito de seus desejos que ao que lhe dizião, lhe deu a licença, tornado a dizer com spirito: “A-mo de conceder, meu Senhor, a-mo de conceder”. E assi foi, porque passado hum anno el-Rei nosso senhor, por querer fazer merce a frei Luis de o deixar descansar e recolher, porque como lhe custava andar sempre apos Sua [84r] Alteza, e muito mais por Deos ouvir seu servo, deixou de se confessar com elle. E em seu lugar tomou o padre Luis Gonçalvez da Camara⁸⁰, da Companhia de Jesus, que fora eu mestre sendo minino, homem não menos nobre no exemplo de sua vida e prudencia, que na geração e sangue de que procede.

⁷⁸ Rasgo propio de la cultura renacentista, cuya cuna estaba en Italia.

⁷⁹ Los tratados pedagógicos para la educación de los príncipes constituyeron un género muy cultivado en la Edad Media, siendo el más famoso el *De regimine principum* (c.1278) del agustino Egidio Romano. En este ámbito se sitúan las instrucciones editadas y analizadas por José Adriano de Freitas CARVALHO en *Pais e Nobres*, Porto, CIUHE, 2009, 2 vols.

⁸⁰ Sobre el jesuita Luís Gonçalves da Câmara (c.1519-1575), véase el art. de J. Vaz de CARVALHO, en *Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús*, Roma-Madrid, IHSI-U.P. Comillas, 2001, I, 608-609.

E tenho que ate nisto teve cuidado delle muito particular a divina providencia, que não quis que este seu servo, que tão perto tinha o cabo da sua vida, chegasse a elle com tamanha carrega, pera que nem os escrupulos della o inquietassem, nem suas obrigações e cuidados lhe perassem⁸¹ o sentido, mas que todo de tudo desapegado, se tornasse a sua paz e repouso, como logo tornou sem tardança e sperar a vinda daquelle Senhor por quem elle sempre suspirava, trazendo na boca aquella palavra que são João aconselha a dizer no [84v] Apocalipsi: “Vinde, Señor Jesu”⁸².

Nem se pode encarecer o gosto e prazer que se lhe enxergou de ser descarregado. E a algũs que o visitavão dezia que não seria seu amigo quem lhe não ajudar a dar graças ao Senhor por tamanha merce como lhe fizera, em o soltar de tão aspera prisão. E como hum homem quando saie de cativo, a lembrança das prisões lhe faz mor gosto de ser livre, assi elle com seus amigos familiares, com as mãos alevantadas e lagrimas ferventissimas, e os olhos postos no ceo, dezia devotissimamente aquilla palavra de David: “O, Senhor, eu sou vosso servo, eu vosso servo e filho de vossa serva, desatastes, Senhor, minhas cadeas, a ti offerecerei sacrificio e louvores e teu nome chamarei”⁸³.

Assi tornou a seu recolhimento antigo e a cela dele sempre desejada, como que [85r] na vida outra cousa não pretendia senão a Deos, que nella com mais repouso conversava; na qua durou ate sua morte. Mas antes que trate della direi algũas virtudes suas de muita edifficação que deixei pera este lugar, assi por não cortar o fio da historia, como porque en toda a parte cabem, pois en toda a vida as teve por companheiras.

Cap. XVI: Do modo que teve d’aproveitar nas virtudes

Tenho ja dito atras quanto frei Luis se abalisou na guarda das cousas piquenas e das virtudes mais miudas, assi exteriores como interiores. Mas assi como não seria arvore forte a que não tivesse mais que a cortiça, assi pera se ver quam perfeito foi nas virtudes heroicas este servo de Deos que tanto trabalhou de se fazer heroico nas piquenas [85v], tocarei o modo que teve de as plantar em si, que tambem servira de retrato pera quem quiser imita-lo e aproveitar sempre na perfeição cristam.

⁸¹ Por *lhe parasem*: ‘le quitasen’.

⁸² Ap 22, 20.

⁸³ Sal 116 (115), 16-17.

Trazia muito trilhada aquela palavra de *Contemptus mundi*, que se cada anno desarreigassemos hum vicio e plantassemos hũa virtude, depressa seriamos perfeitos⁸⁴. Por isso ele não se contentava de excitar⁸⁵ todas as virtudes quando se offereciam ocasiões dellas. Mas aquelas que tinha por mais importantes, assi as tomava a peitos, como se de cada hũa dellas pendesse toda sua salvação. E ainda que em muitas fez isto, em tres principalmente o vi exercitar perto de trinta annos que o conversei, que forão paciencia, humildade, charidade. E quando o comecei a conhecer, tratava da paciencia, na qual andou seis ou sete annos. Depois outros tantos annos, na humildade. E tanto andava no sobreaviso, que claro se via quanto tratava de se po-[86r]voar [?] em cada hũa dellas.

Todo o resto de sua vida pregou no amor de Deos, e os annos que tratava de cada hũa destas virtudes, assi trazia todo seu cuidado metido nella, que della falava sempre, della fazia praticas a seus religiosos, della ha estudava, della pregava, sobre ella fazia todas as petições a Deos. E emquanto se não via habituado a ella, não punha seu principal cuidado noutra ainda que todas tinha e nellas se exercitava. E quem nelle trazia, tanto logo via a virtude de que naquelle tempo tratava, que he hũ genero de aproveitar de que se tira mais fruito que todos os outros. Porque com este lanção as virtudes maiores raizes no coração, e como não estão a frol da terra, mais heroicamente se exercitão⁸⁶.

So quanto a paciencia cuido que tratou frei Luis [86v] della muito principalmente pera cortar hũa natural inclinação que tinha de ter os primeiros impetos de colera algum tanto desatentados. Mas veio a se fazer tão cordeiro no sofrimento, que parecia que só pera as injurias que lhe fazião carecia de memoria, e pera as cousas proprias, que enfreou de todo os primeiros movimentos; e nas cousas de seu officio, em que ou por zello ou por não atentar nisso, tinha algũa supita inclinação, quando nos anos parecia que elle punha [?] em colora, o viamos supitamente ficar quieto e tão senhor de si, que bem se via nelle que não avia mister mais pera se mortificar que o breve tempo que lhe bastava pera se ver. E enxergava-se na brandura e modestia em que ficava que, em pondo os olhos em si, logo interiormente se quietava [87r] em Deos. E se cumpria ficava logo, ou orando com muito fervor se era tempo de oração, ou falando com muito espirito de Deos, se o tempo o pedia, ou fazen-

⁸⁴ T. de KEMPIS, *Imitación de Cristo*, I, 11, 5.

⁸⁵ Así en el ms., tal vez por *exercitar*.

⁸⁶ A lo largo de todo el texto llama la atención la frecuencia con que aparecen palabras como *ejercicio*, *ejercitarse* y otras derivadas, en un sentido espiritual. A este respecto puede verse nuestro trabajo "Los *Ejercicios* del agustino portugués Tomé de Jesús", *Vida Sobrenatural*, 88 (Salamanca 2008), 87-100.

do qualquer outra cousa das que se não podem fazer bem sem repouso, como a quem ninhũa alteração destas perturbava ja a paz interior.

Pois alegria nos trabalhos, que he a perfeição da paciencia, tinha elle por tão companheira, que muitas vezes lhe ouvi dizer que con ninhũa cousa adversa se podia turbar, nem com ninhũa prospera alegrar, porque sabia que ninguem era poderoso pera lhe fazer mal nem bem senão só Deos, o qual nunca lhe fazia mal. Tomou pera se fazer perfeito nesta virtude hum exercicio importantissimo, que era avezar o seu entendimento e sua vontade a tomar quanto sucedia na vida por cousa ordenada por Deos, com o qual aproveitou *tanto* <muito> em se conformar em tudo com [87v] a vontade do Senhor, *que ninhũ* acontecimento da vida *o pode nunca* saltiar, nem tomar desapercibido, nem *occupar-lhe* o coração, e *quasi que* nem distrair-lhe os pensamentos⁸⁷, porque se quietava em tudo o que socedia com “*Fiat voluntas tua*”, e em tudo o que estava por fazer com “*Dominus providebit*”⁸⁸. E assi dizia que não era possivel ter alguem perfeita paciencia sem com *perfeita* <muita> união com a vontade de Deos.

Depois que se sintio exercitado algũs annos e habituado nesta virtude, da mesma maneira com todos os sentidos e cuidado tratou da humildade, e trazia sempre na boca: “Nada sou, nada valho, nada posso o que posso he naquelle que me conforta”⁸⁹. E encarecia muito hum dito de S. Bernardo, que escreveo pera sua lembrança, em que dizia que estava debuxada a summa da humildade: “*Spernere mundum, spernere nullum, [88r] spernere sese, spernere sperni*”⁹⁰. Que quer dizer: “Desprezar o mundo, não desprezar a ninguem, desprezar-se a ssi mesmo, desprezar ser desprezado”. E desta derradeira fazia mais caso. Não dizia nunca palavras de seu louvor, como atras disse, nem menos as dizia <do mesmo [?]> em seu vituperio, porque dizia que quem custuma a dizer palavras em desprezo proprio, não soffre que outrem lhas diga, e que as mais das vezes he mais modo de adquirir fama de humilde que de o ser.

Não desculpava seus deffeitos, nem costumava dar rezões por si <quando não era a isso obrigado> nas cousas em que era tachado, porque dizia que

⁸⁷ Para mayor claridad, ponemos en nota cómo queda el texto de esta frase tras ser corregido por la segunda mano: “<trabalhava que os acontecimentos da vida o não saltiassem, nem tomassem desapercibido, nem ocupassem muito o coração, nem lhe distraissem os pensamentos>”.

⁸⁸ Respectivamente: “Hágase tu voluntad” y “El Señor proveerá”.

⁸⁹ Cf. Flp 4, 13 y 2 Cor 12, 10.

⁹⁰ Estas máximas de humildad, atribuidas a san Bernardo, serían después popularizadas por san Felipe Neri.

quem queria contentar a Deos, não avia de *manter* <tratar muito do> credito cos homens. Pois S. Paulo dizia que se lhes quisesse contentar, não seria servo de Deos⁹¹.

Creceo nesta virtude de humildade <O modo [?] que tinha em crecer e aproveitar nesta virtude da humildade era ver se podia chegar> [88v] ate de todo pender de Deos em todas as cousas, e não fiar de si ninhã sem Deos; e cuidar de si mui de veras, que não tinha cousa de servo de Deos, salvo se Deos lhe emprestava algum bem: porque chamava emprestimo de Deos os bens que faziamos <e fez-lhe Deos nisto muita memoria [?]>. O exercicio que tomou pera crecer nesta virtude foi o de S. Francisco: trazer em todo o tempo e lugar e nas oras de oração diante dos olhos aquella palavra: “Quem eu e quem tu”⁹². Porque dizia que só no conhecimento de Deos acabava a criatura de ver sua baixaza.

Neste tempo lhe perguntou hum religioso como alcançara e perfeição, e elle lhe respondeo: “Eu estou muito longe da perfeição, não a sei nem soube nunca, mais que negar minha vontade e somete-la a von-[89r]tade alhea, e principalmente a de Deos. Resposta muito digna daquella santa alma que tam familiar tinha a santa humildade e em que bem mostrou quanto tinha de Deos, pois tão baixa opinião tinha de si e tanto desapegamento de sua vontade propria.

Despois que teve por companheira e familiar a virtude da santa humildade, acompanhada de paciencia, se entregou de todo em exercicios do amor de Deos. E ainda que toda sua vida tratou d'elle, porque sem elle de ninhã virtude se pode tratar perfeitamente e de verdade, pois Christo diz que quem o amar guardara seus mandamentos⁹³; todavia despois de ter lançados tão seguros alicerces, nelle se exercitou particularmente doze ou quinze annos antes que morresse, nelle se abrasou, nele se [89v] renovou; e assi como dizem da aguia que, na velhice, com a quentura do sol renova as penas⁹⁴, assi parece que reverdeceo este servo de Deos na velhice, na perfeição de todas as virtudes, no fervor e pureza de seu espirito, com não tratar dotra cousa senão só do amor de Deos. Trazia-o este amor tão tomado [?], que *em ninhã cousa podia occupar* <nelle quanto podia ocupava> as potencias interiores *senão nelle*.

⁹¹ Cf. Gal 1, 10.

⁹² Famosa expresión atribuida a san Francisco de Asís: *Quis es tu et quis sum ego?*, sobre la que también meditaba Francisco de Borja, buen amigo de Montoya; vid. San Francisco de BORJA, *Tratados espirituales*, ed. por C. de Dalmases, Barcelona, Juan Flors, 1964, 19 y 26. Possible eco, también, de la expresión agustiniana “Conózcame a mí, conózcate a ti”: *Soliloquios*, II, 1, 1, en *Obras de S. Agustín*, I-BAC, 473.

⁹³ Jn 14, 21.

⁹⁴ Cf. Is 40, 31; Sal 103 (102), 5.

Gabando-lhe eu hum dia hum livro que tratava muito do amor de Deos⁹⁵, desejou de o ver com alvoroço e começando-lho a ler em parte onde tratava das cousas que despunhão pera elle, me rogou que não fosse por diante ou lhe lesse onde tratava do mesmo amor, porque confessava que era tão imperfeito, que não podia soffrer cousa [90r] que por breve espaço o distraisse do amor deste Senhor. E tanto me edificou ver aquella alma tão possuída ja daquelle divino fogo, que *nem nas cousas que a elle levavão* <não> se podia deter, senão nelle mesmo. Como não saber ter isto em si por cousa grande e perfeita, como na verdade era, mas confessa-lo humildemente por imperfeição!

Perguntado neste tempo por hum religioso, estando muitos delles juntos, que cousa era amor de Deos, e começando-lhe responder, se inflamou, de maneira que não pode falar e por dissimular disse que lhe perdoasse, que era tão imperfeito que não sabia falar do amor de Deos. Isto fazia porque costumava muito ter muito segredo ao que lhe Deos communicava, nem se sabia delle mais que [90v] o que forçadamente nos recubrava⁹⁶ de sua conversação, exemplo e ensino, que por obrigação de seu officio nos dava. E ainda que familiarmente algũas cousas dezia a algũs amigos, erão tão poucas que mais servião de conjecturas <também erão conjecturas muito[?]> que de certeza do muito que em sua alma se enserrava.

Fazendo hum dia do Spirito Santo⁹⁷ pratica spiritual, como costumava muitas vezes fazer aos da casa dos noviços, e ensinando-lhes a pedir sempre o amor de Deos, lhes dixeu qe avia dezanove ou vinte annos que pedia a nosso Senhor que lhe desse a sentir em sua alma seu amor, e que aquelle mesmo dia o desejara e pidira mais ferventemente, e que o Senhor lhe fizera merce, estando na igreja dando [91r] graças a Deos, depois de comer, de lhe dar hũ tamanino a sentir seu santo amor, que não devia de ser piqueno toque daquelle divino fogo, pois o não pode incubrir, sendo muito contra seu costume asoalhar as merces interiores que lhe Deos fazia.

E em tudo quanto via e sabia, parece que não podia enxergar outra ninhũa cousa senão obras do amor de Deos, e por isso neste tempo escreveo os livros⁹⁸ das *Obras do amor de Deos*⁹⁹, intitulados todos a nossa Senhora, a

⁹⁵ Podría tratarse del *Stimulus divini amoris*, atribuido a san Buenaventura. Cf. José Adrião de F. CARVALHO, "As edições e traduções de S. Boaventura em Portugal nos séculos XVI-XVIII. Sentido de uma influência", *Archivo Ibero-Americano*, 47 (Madrid 1987), 131-159. También podría ser alguna obra del franciscano Alonso de Madrid.

⁹⁶ Curioso término con el sentido de 'derramar'.

⁹⁷ Fiesta de Pentecostés.

⁹⁸ El plural para referirse a este libro podría explicarse porque se trata de una obra miscelánea compuesta nueve tratados.

⁹⁹ Agrade al libro *Obras de los que aman a Dios*, Lisboa, João da Barreira, 1565.

quem elle muito amava, porque era a <pura> creatura de todas que mais amava a seu Criador. Nestes livros claramente se ve quão longe estava delle toda a humana curiosidade e como lhe tinha o Senhor roubado todo o gosto, pois que ate escrevendo pera edificação dos pro-[91v]ximos, tudo escrevia falando com Deos¹⁰⁰. Desta fonte naceo a perfeição das virtudes de que tratarei e com este fogo mereceo a Deos morrer por suas ovelhas como bom pastor¹⁰¹, como adiante se dira.

Usou muitos annos dum exercicio pera chegar por elle a perfeição destas e de todas as outras virtudes, que tinha quatro pontos: offerecer, resignar, conformar e unir. Offerecia a Deos tudo quanto no mundo e no ceo e em si avia fora de Deos, fazendo com elle troca, que por tudo a elle só queria e com elle só se contentava. Resignava em Deos todo o cuidado de si e todas suas inclinações e vontade, pera não saber ver nem conhecer em todolos sucesos das cousas senão só sua divina [92r] mão, e em sua providencia se quietar. Conformava sua *vontade* [?] a de Christo nosso Senhor, tomando-o por seu espelho pera retratar em si suas virtudes, desejando parecer-se com elle em tudo. Unia sua alma pera affectos de amor com Deos continuamente, provocando em si sempre vivo desejo de mais e mais amar, e o modo que tinha neste exercicio era com petições e ferventissimos desejos e continua guarda de seu coração.

Cap. XVII: De algũas virtudes que neste servo de Deos resplandecerão

Assi como pelo fruto se conhece a qualidade da arvore, como Christo nosso Senhor disse¹⁰², assi [92v] se pode tambem conjecturar a perfeição do amor de Deos que na alma reina, que com os olhos se não pode ver, quando se enxergão os fructos que desse amor soem nacer; que S. Paulo disse serem: charidade, alegria, paz, paciencia, grandeza de coração, bondade, brandura, mansidão, fee, e outros¹⁰³; os quaes se virão tão claro neste servo de Deos, que bem nos mostravão quanto seu amor estava posto em seu Criador.

Porque a charidade (que he fruto e premio, como diz nosso padre S. Agustinho¹⁰⁴, da mesma charidade, e do amor, mais amor) não só pera Deos,

¹⁰⁰ Alude al constante empleo de la segunda persona, marcando así la alteridad del diálogo del hombre con Dios.

¹⁰¹ Cf. Jn 10, 11.

¹⁰² Cf. Mt 7, 16-20.

¹⁰³ Cf. Gal 5, 22-23.

¹⁰⁴ No hemos encontrado esta expresión en las obras de san Agustín, pero sí en san BERNARDO, *Sermón 83 In Cantica*, PL, vol. 183, 1181-1184.

mas também pera os proximos, resplandeceo nelle muito. Tinha particular afeição a todos os justos, onde quer que estivessem. E dizia que hũa consolação grande que tinha era que [93r] quando desejava de amar a Deos e se punha em oração, se ajuntava em Deos com todos os justos que o amavão e participava de todos os seus bens, que era rico de todos seus merecimentos, e com estes irmãos não avia de ser desprezado¹⁰⁵. Daqui lhe nacia estranho gosto de ver os proximos servir a Deos e aproveitar nas virtudes, e dizia muitas vezes que não se avia nunca de ir à mão a quem quisesse fazer algũ bem, ainda que imperfeito, mas ajuda-lo, porque esse seria o caminho de fazer mais perfeitos bens. E qualquer bom e virtuoso tinha¹⁰⁶ nelle hum particular favorecedor e ajudador pera o bem e virtude.

As almas do purgatorio chamava minhas irmãs, e se compadecia muito do tempo em que [93v] não vião a quem amavão. Com muito gosto falava no lugar do purgatorio, porque nelle esperava elle de ir fazer companhia a suas irmãs, que estavam seguras de amar sempre a Deos. Sintia muito os trabalhos dos christãos e da Igreja quaisquer que fossem, e não cansava de mandar fazer orações por elles. Teve grande dom de Deos em consolar atribulados e nunca pera isso o achou ninguem pejado nem occupado. Tinha muita conta e muita charidade com os pobres. Enfim, enxergou-se-lhe sempre alegrar-se muito cos bens dos proximos e sentir seus trabalhos mais que se forão proprios.

Tinha tanto cuidado dos doentes que dizia que, quando a comunidade não tivesse com que os curar, se devião de ven-[94r]der os calices pera isso; e queria que os compradores antes faltassem com o necessario pera a comunidade que pera os doentes. Tinha por costume visitar os doentes tres vezes ao dia: a primeira acabando de dizer missa, a honrra do Padre; a segunda depois de comer, a honrra do Filho; a terceira a tarde, a honrra do Spirito Santo. E nestas visitas, afora tratar do que avião mister, os consolava com praticas e palavras devotissimas, e muitas vezes lhes fazia as camas e outros serviços mais baixos. E dizia que as vistasções que os religiosos fisessem aos doentes não avião de ser pera gastarem tempo em palavras ociosas, mas pera lhes tratarem de Deos e os servirem do que lhes fosse necessario. E assi, quando os doentes erão muitos, [94v] levava consigo cada dia os religiosos sãos a lhes fazer as camas e os mais serviços necessarios, a certa ora do dia. Quando tinha algum religioso pera morrer, elle lhe ministrava os sacramentos e o visitava muitas mais vezes, e o acompanhava como a filho na derradeira ora, con tanta devação, lagrimas [e] spirito que movia a todos a devação. E a todos os que chagavão a derradeira hora dava encomendas pera almas do purgatorio e

¹⁰⁵ Hace referencia a un sentimiento especial de la comunión de los santos.

¹⁰⁶ Duplografía corregida en el ms.: “*tinha tinha*”.

pera nossa Senhora e os santos a que tinha mais devação, com tanta saudade delles que bem se lhe enxergava a inveja santa que lhe ficava dos que passavam diante delle desta vida.

A alegria, como tenho dito, nelle era grandissima, porque nunca ninguém o vio triste. A qual, como [95r] não pode durar muito n'alma sogeita a peccado, não pode aver mor indício da limpeza de seu spirito, que não caber nelle nunca tristeza. Nacia esta alegria da paz interior, e era muito pera ver hum relógio de curso de rodas tão encontradas, como são negocios de governo exterior, com quietação e paz *interior* [?], e tudo tão temperado e concertado que hũa cousa não podia impedir a outra. E muitas vezes me maravilha de o ver estar escrevendo seus livros devotos ou orando, e responder a quantos negocios lhe vinhão, e ficar continuando o que fazia, tão seguro e quieto, sem tornar a cuidar nem ler o que escrevia, como se ninhũa daquellas cousas lhe pejava [95v] memoria nem cuidado.

Grandeza de coração, ainda que em muitas cousas se lhe enxergou, muito mais que en tudo a teve em hũa em que esta virtude principalmente consiste, que he coração alto e grande pera todas as cousas de serviço de Deos, e não se contentar com pouco. Porque o fogo do amor de Deos, que segundo diz S. Boaventura facilmente digere todos os bens e os converte em premios¹⁰⁷, causava no peito do servo de Deos tamanha fome de o contentar e servir, que tudo lhe parecia pouco e sempre trazia viva prontidão pera todo o bem.

Tinha também causado nelle bondade, que he hũa alta simplicidade e pura inclinação ao bem¹⁰⁸, que ninhũ mal sabia pretender, nem julgar, nem cuidar. Algũs o tinhão por sospeitoso¹⁰⁹, [96r] que he vicio contra a santa simplicidade, e isto cuidavam porque era tão puro e escoimado em todo o genero de virtude, que defendia¹¹⁰ rígueosamente e reprimia toda cousa de que podia nacer leve offensa de Deos e cortava a todos toda occasião de peccado, donde nacia que, os que tinhão as cousas por leves, cuidavam que suspeitava delles mal, quando lhes cortava as occasiões de offender a Deos. Outros, ao contrario, o tinhão por ignorante, porque dezião que facilmente o enganarião com cor de bem. Mas como he regra geral que cada hum julga dos outros conforme ao que tem em seu coração e ao que he inclinado, a bondade do cora-

¹⁰⁷ San BUENAVENTURA, *In III Sent.*, d. 33, a. 1, q. 4, c.

¹⁰⁸ Cf. Santo Tomás de AQUINO, *Summa Theologiae*, Prima Secundae, Qu. 94, artº 2, in c.

¹⁰⁹ Con el sentido de 'suspicaz, receloso, desconfiado'. *Dicionário Houaiss*, III, 3428, s.v. *suspeitoso*.

¹¹⁰ *Dicionário Houaiss*, II, 1200, s.v. *defender*⁷: "vedar terminantemente; proibir, impedir, tolher".

ção deste santo o não deixava ver a malícia incuberta debaixo de mostras de virtude que via.

Era devotissimo de nossa Senhora, e chamava-sse [96v] seu escravinho e todas suas obras e exercicios os levava a sua honra¹¹¹; celebrava suas festas com particular alvoroço e devação. Custumava nas festas dos santos, principalmente de nossa Senhora, tirar dellas particulares exercicios pera aproveitar. Na Conseição pedia limpeza d'alma; na Natividade tomou-a por avogada sua; assim na Apresentação¹¹², de que era devotissimo, se offereceo ao Senhor e a sua madre por servo e escravinho perpetuo, e dizia que esta festa era particular do estado dos religiosos, e pera ella nos alvoroçava sempre com praticas. N'Anunciação pedia ao Senhor humildade; na Visitação, alegria do sposo Jesu como teve S. João Baptista; na Purificação se exercitava com o velho Simeão em se representar con Christo nos braços, offerecen-[97r]do dos seus deffectos e de todo o mundo nelle ao Padre eterno; na Transfixão¹¹³, que era festa nossa particular, se punha com a Senhora ao pe da cruz; na Assumpção exercitava saudades de nossa Senhora e de acabar esta peregrinação. E de cada cousa destas fazia pratica aos religiosos, e via-sse nelle que não vivia senão de ser servo da Virgem nossa Senhora e ter nella sua confiança.

Era mui devoto do Santissimo Sacramento, dizia missa cada dia, e hum dia da festa dos apóstolos S. Pedro e S. Paulo me disse que lhe ajudasse a dar graças a Deos por hũa grande merce que lhe tinha feito, a qual era que aquelle dia fazia quarenta annos que dissera missa nova¹¹⁴, e que em todos elles não deixara de dizer missa dias que pudessem fazer hũ [97v] mes¹¹⁵. Quando por enfermidade avia de tomar purga, alevantava-sse tres ou quatro oras antemnam a dizer missa, a qual disse sempre ou comungou ate o dia que morreo. Gastava na missa rezada perto de hũa hora, e nem por negocio nenhum da vida, nem doença, a dizia mais depressa nem mais devagar. Sempre a dizia

¹¹¹ Cf. J. ROMÁN, *Vida de Montoya*, ff. 38r y 69r.

¹¹² Fiesta de la Presentación de la Virgen (21 de noviembre).

¹¹³ Fiesta de Virgen de los Dolores (15 de septiembre), aludiendo a su corazón traspasado (*transfixado*) por el dolor.

¹¹⁴ Montoya recibió la ordenación sacerdotal en junio de 1519 y celebró su primera misa el día 29 de ese mismo mes; cf. *supra*, f. 19v.

¹¹⁵ Podemos recordar aquí las palabras de su discípulo Alonso de Orozco en *Monte de contemplación*: “La continuación en celebrar cada día este inefable misterio no disminuye, mas antes aumenta, la reverencia y acatamiento de este Rey soberano que recibimos [...]. No os engañéis diciendo: no me siento devoto para celebrar, porque eso es decir que arda la lámpara sin echarle aceite o el fuego sin leña [...]. Lleguémonos luego a Él, que si flacos somos, Él será nuestra fortaleza; y si pecadores, Él es nuestra salud y remedio; y si tibios, Él mismo se llamó fuego abrasador por su inmensa caridad”; en *Obras completas de Alonso de Orozco*, I, Madrid, BAC, 2001, 188 y 190.

com lagrimas, de consagração por diante, e acabando de comungar, ficava sempre cos olhos muito abertos, como pasmado. E todas dixे sempre com tanta devação, fervor e alvoroço como se cada hũa dellas fora a primeira ou a derradeira da vida, nem se lhe sintio na vida affeição igual a que tinha de se chegar ao santo altar¹¹⁶.

Hũa pessoa de cuja [98r] humildade e virtude e perseverança tenho muita experiencia, dando-me conta pera via de conselho de mercedes que lhe Deus fazia interiores, me contou que tivera muita devação de ouvir as missas deste santo varão, pollas muitas merces que Deus lhe fazia quando as ouvia. *E hum dia, estando elle no meio da missa, esta pessoa em oração abrio os olhos e vio claramente sobre a cabeça deste santo varão hũa nuvem de fogo, como a em que dizem que veo o Espirito Santo sobre os Apostolos*¹¹⁷, muito resplandecente. *E pelo muito que nosso Senhor todo aquelle dia lhe communicou de si com esta vista, teve por sem duvida que lhe quis o Senhor mostrar quão aceito lhe era aquelle seu servo.*

[98v] Nunca se chegou ao altar sem preceder confissão sacramental, e tinha o contrario por grande atrevimento. Muitos annos não hia dizer missa senão chamado pello sancristão e dizia que, quando lhe tardava, lhe dava pena dilataren-lhe aquilla, e quando chegava o saõocristão, avia que era hum anjo que da parte de Deos o chamava. E assi deixava logo tudo, e hia da cela ao altar com estranho recolhimento, e assi tornava. E reprehendia muito os sacerdotes que quando se revestião se distrahião em praticas, ou que acabando de dizer missa, se não recolhião a gostar do manjar divino que tinhão recebido. Custumava a dizer que [99r] a missa o recolhia todo o dia e noite, porque

¹¹⁶ A este respecto, es curioso un testimonio transmitido en 1584 desde Goa, capital de la India portuguesa: una vez el jesuita Francisco Rodrigues le preguntó a Fr. Luis de Montoya “como se aparelharia huma pesoa pera dizer missa, elle lhe respondera que, o como se elle aparelhava, era cuidar como se aparelharia noso P.^c Ignacio pera tam grande sacrificio”: “Censurae in vitam Ignatii Loyolae”, en Pedro de RIBADENEIRA, *Fontes Narrativi IV. Vita Ignatii Loyola*, Roma, MHSI, 1965, 972-973. De esta noticia también se hace eco, desde la India, el jesuita Sebastião Gonçalves. Así, tras señalar que “o muito religioso e santo varão Frei Luis de Montoya, religioso da sagrada Ordem de Sancto Agostinho”, trató con Ignacio de Loyola, comenta: “O P. Francisco Rodriguez, da nossa Companhia, reitor que foi do collegio de Sam Paulo de Goa e provincial da India, praticando hum dia com o P. Montoya lhe pedio instantemente lhe dissesse Sua Paternidade o aparelho que tinha pera dizer missa. Com diffcultade lhe respondeo a esta pergunta, à qual comtudo satisfez, dizendo que, quando se achava frio, bastava pera se inflamar no amor e desejos de tratar tão alto misterio, trazer à memoria a grande devação, reverencia e apparelho com que o S. P. Ignacio se punha pera celebrar tão alto sacrificio”; Sebastião GONÇALVES, *Historia da Companhia de Jesus no Oriente* [c. 1614], ed. por José Wicki, Coimbra, Atlântida, 1960, II, 151.

¹¹⁷ Cf. Hch 2, 2-4, con reminiscencias de Nm 9, 16.

toda a noite trabalhava por se recolher, porque pela manhã avia de dizer missa, e todo dia se recolhia porque a tinha dita.

E tinha por indino de se chegar ao santo altar sacerdote que não ordenava toda sua vida a missa. E tinha tanto posto todo seu tizouro neste divino Sacramento que hũa bespora da sua festa¹¹⁸, falando nella na cela dum religioso, dizia que pola merce do Santissimo Sacramento, avião os cristãos d'andar *loucos* <como> fora de si. E assi, quando via fazer grandes festas esteriores ao Santo Sacramento, dizia que era grão merce do Senhor *endoidecerem* <despejarem-se> os homens pelo Sacramento. Quando avia procissões do Santo Sacramento, elle o levava sempre nellas e con tanta devação que punha [99v] admiração. *E hum religioso me disse que hua pessoa que elle confessava e que gavava de muita virtude o vira por vezes ir alevantado do chão com o Senhor nas mãos*¹¹⁹.

Na limpeza e riqueza dos cofres onde avia de estar o Santo Sacramento era curiosissimo e nos mosteiros onde estava elle renovava o Santo Sacramento cada quinta-feira. Ordinariamente dizia missa no altar do Sacramento, se podia, e mandou que na sua provincia se rezasse cada quinta-feira do Santo Sacramento, como ainda agora se faz por bula de Pio quinto¹²⁰.

Sua boca perpetuamente foi cheia de louvores de Deos em todaç as cousas, piquenas e grandes. E tão habituado estava nisto, que em ninhũa cousa podia enxergar senão materia de louvar [100r] a Deos. E claramente se vio nelle que, tirado dos negocios do seu officio, em ninhũa outra cousa sabia falar senão Deos, e porque não posso dizer tudo o que nelle avia, sumariamente digo que tão transformado trazia seu corpo, sua alma em Deos, que ninhũa outra cousa mais se enxergava nelle que Deos, nem em sua pessoa vio nunca ninguem cousa de que podesse com rezão tomar muito pequeno mao exemplo, e os que o não conhecião, so de o verem, o julgavão por *santo* <hũ grã servo de Deos>; e os que delle se queixavão ou julgavão delle mal, ou notavão nelle faltas, o tempo e a experiencia mostrarão que o se não conhecião a si mesmos, ou julgavão temerariamente por não conhecerem o spiritu e bondade interior por onde este [100v] santo se governava. E ainda que se não pode dizer delle que de todo vivia sem peccado, erão todavia suas culpas tão leves, e suas virtudes tão heroicas, e o dezejo de contentar a Deos tão afervorado, e o cuidado de si tão solícito, que não se pode cuidar daquella santa alma que durasem por vontade nelle as faltas em que a fraqueza da natureza caia.

¹¹⁸ Víspera de la fiesta del *Corpus Christi*.

¹¹⁹ Sería, entonces, un caso de levitación.

¹²⁰ Es decir, los jueves eucarísticos.

O remedio que tomava pera perseverar nestas e outras virtudes era perpetua guarda de seu coração¹²¹. Muitas vezes nos encarecia aquella palavra de Job: “*Super custodiam meam stabo*”¹²². Que quer dizer: “Entenderei sempre em minha guarda”. E era nisto tão vigilantissimo que nunca pode ninhũa cousa viciosa [101r] saltar. Nem era possivel hum homem fraco e de terra, tantos anos e entre tantos negocios e tão varios sucesos, conservar a pureza interior que elle teve, exterior recolhimento dos sentidos, e exemplo tão estranho que elle de si deu, de ser incansavel na guarda das virtudes, senão com o temor continuo de Deos que sempre tinha presente e continua guarda de seu spiritu.

E pera não enfraqueser, usou sempre enquanto o conhecemos de continuo exercicio de aspirações e jaculatorias a Deos ferventissimas, em toda ora, lugar e negocio¹²³. E hũa que trazia mui continua na boca era “*Deus meus et omnia*”¹²⁴, que quer dizer “Deus meu e todas minhas cousas”. E no cabo da vida “O amor, o Jesus meu”. E assi sobre todolos exercicios spirituaes nos encom-[101v]mendava este, porque dizia que este trazia Deos sempre junto comnosco e nos fazia semsabores todas as cousas da vida. E dizia que o religioso avia sempre d’andar gemendo como pomba¹²⁵. O que elle guardava com tanto cuidado que no momento que acordava do sono, logo na sua boca era hũa jaculatoria: “O Dios mio, o amor mio, esperança mia”¹²⁶, e outras. Em todo tempo e lugar o viamos exteriormente com hũa maneira de recolhimento que mostrava occupação, atençaõ e fervor interior em Deos, e disto tanto quanto se não pode escrever. *Minha opinião he e sempre foi que o padre Montoia andava perpetuamente abstracto, ou ao menos em continua oraçaõ e recolhimento, que he alevantamento da alma em Deos, como diz São João Damasceno*¹²⁷ <isso não se da na terra communmente>.

¹²¹ Cf. Prov 4, 23.

¹²² En realidad, se trata del profeta Habacuc: Hab 2, 1.

¹²³ Este mismo ejercicio lo recomendará vivamente el propio Fr. Tomé de JESUS: *Trabalhos de Jesus*, Porto, Lello & Irmão, 1951, I, 48-49 y 58-59.

¹²⁴ “¡Mi Dios y mi todo!” o ¡Dios mío y todas mis cosas!: exclamación atribuida a san Francisco de Asís a través del testimonio del primero de los discípulos de Francisco, Bernardo de Quintavalle; *Floreçillas*, en *San Francisco de Asís. Escritos, biografías, documentos de la época*, 801-802 y nota 2.

¹²⁵ Cf. Ez 7, 16.

¹²⁶ Es curioso observar cómo Fr. Tomé conserva el texto en castellano. No sabemos si Montoya utilizaría el portugués en su vida cotidiana, pero ciertamente para la oración prefería el latín y el castellano. Por lo demás, esta jaculatoria recuerda al Sal 18 (17), 2-3.

¹²⁷ San Juan DAMASCENO, *De fide orthodoxa*, 3, 24 (PG, vol. 94, 1090): “Oratio est ascensus mentis in Deum”.

[102r] **Cap. XVIII: Da oração, penitencia e da virtude da perseverança deste santo**

Todas estas virtudes e outras muitas conservava frei Luis com a conversação de Deos interior e oração, porque como fica dito, continuamente trabalhava por trazer seu coração alevantado a Deos e dizia elle *como por imperfeição sua* que mais <facil> lhe era trazer sempre Deos presente em sua alma e memoria que ter muitas horas de oração, *sendo na verdade* <porque na verdade he> o maior fruto que *de* <das mesmas> muitas horas de oração sentira, poder orar sempre e em todo o lugar, e trazia nisto tanto o cuidado que por caminho, pera que o cansaço e outras cousas o não distraissem, rezava muitas cousas vocalmente, e tanto que muitas vezes os compa-[102v]nheiros se afastavão d'elle polo não poderem nisto aturar, e muitas vezes cantava louvores de Deos, ou falava de Deos, ou hia so falando [?]¹²⁸.

E muitas vezes cantava ditos <de santos> e prosas que elle hia fazendo consigo das obras e beneficijos de Deos, e queria que a cada cousa lhe respondesse o companheiro “louvado seja Deos”, ou cantava ele so tambem esta resposta. E fez escrever pera cantar pollo caminho hũas *trovas* <versos espanhóis> que achou num livro devoto, que todas falavão do amor de Deos¹²⁹, e a cada hũa acrescentava “louvado seja Deos”.

Quando hia a tratar com os principes ou a outras partes onde podia fazer detença em esperar, fazia levar ao companheiro algum livro devoto que lhe lesse, assi pera occuparem bem o tempo e não distrair seu spiritu, como pera não travarem com [103r] elle praticas desnecessarias.

Toda sua vida foi devotissimo da Paixão de Cristo, e exercitou sempre a meditação della ferventissimamente. *Dezia que lhe não fizera Deos merce de chegar ao estado de mais alta contemplação e que não entendia o que era quando queria falar nella aos servos de Deos, que lhe parecia que, ou por seus peccados ou por o elle não merecer, ou porque o Deos escolhera pera insinar ninhos que entrão na religião, lhe não dava mais que aquillo que elles avião mister. Seja o que for, isto sei: que como ho Espirito Santo, que he mestre interior, não esta atado a leis nem a meios, se por ventura lhe não deu o estado de mais alta contemplação, deu-lhe, pola perseverança que teve em seus exercicios, os*

¹²⁸ A la manera de lo aconsejado por el obispo de Hipona: “Canta como suelen cantar los viandantes; canta, pero camina; consuela con el canto tu trabajo, no ames la pereza; canta y camina”: *Sermón* 256, 3; en *Obras de S. Agustín*, XXIV-BAC, 596. Cf. *Enarraciones sobre los Salmos*, 125, 4; en *Obras de S. Agustín*, XXII-BAC, 327: “Camina, pues, en Cristo y canta gozoso, canta consolado, porque te antecedió el que te mandó que le sigueses”.

¹²⁹ Cf. E. J. ALONSO ROMO, *Luis de Montoya*, 137-138.

fruitos e effectos principais della <E posto que nosso Senhor lhe comunicou muitas merces na perseverança deste sanctissimo exercicio, todavia elle com humildade sempre cuidava de si muito menos do que tinha e dizia que prestava senão pera insinar mininos de novo na religião. Mas como o Spiritu Santo, que he mestre interior, o insinava e alumiaava, pode-se conjecturar o estado a que esse spiritu de Cristo crucificado o alevantou, pollos effectos que desse spiritu nelle se enxergavão, que são os verdadeiros fruitos da contemplação deste Senhor crucificado> [103v], como são paz interior, perfeita união com a vontade de Deos, limpeza d'alma, pureza de entenção, profunda humildade, perfeita mortificação e ardentissimo amor de Deos¹³⁰.

<Mas se polos effectos se podem conhecer as causas, conjecture cada hum por estes effectos o estado a que este santo padre chegou, principalmente con tão continua conversação interior como elle teve com Cristo crucificado, que he causa e autor de [104r]¹³¹ tololos bens e que não custuma deixar pobres as almas que com limpeza e fidelidade e perseverança o conversão. Por onde parece que se deve de julgar aquele dito deste seu servo a humildade>¹³².

As particulares merces que nosso Senhor fazia na oração, ninguem as sabe; por hũa cousa que eu vi, julgue cada hum o que Deos e <a> experiencia da oração lhe ministrar. No tempo em que, segundo assima disse, tratava só do amor de Deos, depois de matinas, ficando só no choro, como costumava cada dia depois da oração da comunidade, cuidando por ventura que não estava eu ali ou outrem, estando elle em oração, começou a gemer, dizendo manso: “O amor, o meu Jesu”; e pouco a pouco o foi dizendo mais alto, ate que [104r] disse em gritos, alevantando-sse em pe, com grandes saltos pelo meio do choro, e dahi se foi prostrar ao pe de hum crucifixo com silencio, donde se foi dahi despaço pera a cella, gemendo e dizendo: “O meu amor, o meu Jesu”, gozando do Senhor que o inflamara, deixando-me edifficado e corrido de quam frio eu estava.

Tinha seus exercicios muito ordenados pera quando se levantava e comia e hia as obediencias, e pera cada cousa tinha particular exercicio, que sera longo de contar. Mas em seus livros os podem ver, porque os que aconselha esses fazia. O modo de os exercitar era falando sempre com seu Padre eterno, como filho amado delle, e muito pobrezinho e pedinte, lhe pedia o que naquelle exercicio pretendia alcançar¹³³ e provocava seu [104v] coração a

¹³⁰ Subyace aquí la cuestión del papel que debe ocupar en la oración la contemplación de la humanidad de Cristo. Cf. Ewert COUSINS, “La humanidad y la pasión de Cristo”, en *Espiritualidad Cristiana II*, Buenos Aires – Madrid, Lumen - Edibesa, 2008, 361-375.

¹³¹ Duplografía en el ms.: “de de”.

¹³² Caso único en el ms.: interpolación añadida y después tachada.

actos d'amor que o inflamassem. De maneira que en todas tinha tres cousas: reconhecía seu Padre eterno, acto de humildade e acto de amor de Deos inflamativo¹³⁴, e nunca jamais dispersava consigo na guarda destes exercicios, tal que quando estava doente, ou falava de Deos ou rogava que lhe lessem algũa cousa pera que se não distraísse, e desta continuação devia de ter perpetua dor de cabeça, como hum dia me dixé que tinha. <...>¹³⁵.

Não teve este servo de Deos ninhũ estremo de penitencia, porque dezia que tomara da vida de S. João de Sagũ, da nossa ordem, cujo corpo esta no mosteiro de Salamanca onde frei Luis se criou, que não era piquena penitencia seguir em tudo a comunidade sem queixume¹³⁶. E assi, [105r] seu modo de penitencia era não dispensar consigo no regimento da sua vida.

Tomava seis horas pera dormir, e quer dormisse, quer não, não se avia de desordenar em se alevantar. E se algũas noites, ou por acudir a necessidades de religiosos, ou polos officios divinos serem grandes, como são natais e endoenças, passava sem dormir, a noite seguinte não tomava mais oras de sono, nem as supria de dia. Dormia quasi vestido: inverno e verão igual roupa trazia. E assi em todas as cousas tinha muita ordem, porque dezia que sem ella mal poderia aver perseverança e que seguir a vida comum e hũa ordem sempre era hũa penitencia surda, que se enxergava pouco e fundia muito.

Nũa cousa dezia elle que fazia grande penitencia [105v] que era em viver, porque não vivia senão pola obediencia de Deos. Mas que em ninhũa cousa sentia mor pena que em se lhe dilatar muito este desterro. Elle nos contava que sendo mancebo troxera grande requerimento com Deos que sua vida não passasse de trinta e tres annos, que forão os que viveo Cristo nosso Senhor nesta vida <que foi requirimento pio, mas de homen ainda imperfeito>, e quando vio que passara dali, ainda que se conformava com a vontade de Deos, sentia cada vez mais a ausencia da vista de seu Padre eterno, e por isso, com toda sujeição a divina vontade, mais de quarenta annos dezejou acabar¹³⁷. Tanto que dezia que não sentia em si cousa ninhũa daqueles antigos santos que muito amarão a Deos, senão hũa só, de que lhe Deos fizera merce, e era que tinha a vida em paciencia [106r] e a morte em desejo¹³⁸.

¹³³ Esta expresión recuerda el “demandar lo que quiero”, de los *Ejercicios espirituales* ignacianos; p. ej. n.º 65, 4.

¹³⁴ Posiblemente este cultismo sea un neologismo de Fr. Tomé de Jesús.

¹³⁵ Nota al margen, ilegible para nosotros.

¹³⁶ Recuédese la célebre frase “*Mea maxima paenitentia est vita communis*”.

¹³⁷ A esta luz, comprendemos mejor expresiones como la que Montoya escribía en 1523: “No anno de 1523, segunda feira despois da quinquagesima, propus em nome do Senhor Jesu guardar o que se segue ate Pascoa, em que por ventura morrerei se o Senhor me achar aparelhado pera entrar em seu Reino”; *supra*, ff. 25r-25v. Recuédese a este respecto algunos requerimientos de místicos contemporáneos suyos, como Teresa de Jesús.

O que acabou de realçar e dar perfeito lustre ha santa vida e heroicis virtudes deste servo de Deos foi a perseverança, *que nelle cuida que foi hũa das maiores virtudes, que vemos naquelles grandes santos da Igreja catolica, da que <que nelle foi mui notavel ate a morte, tanto que parecia seu spiritu incansavel pera as cousas de Deos. E na verdade esta virtude, a qual faz alcançar a coroa aos cristãos e que na Igreja de Deos abalisou aqueles grandes e antigos santos della, da qual virtude> os theologos dizem que não se pode merecer, mas que se deve impetrar por oração¹³⁹, porque seu espirito pera as cousas de Deos era incansavel. Nunca o vimos hũa hora tibio nem descuidado, nem tornar atras com cousa boa que começasse, e era-lhe tão natural <propria> ja esta virtude, pelo grande abito que do exercicio della <tinha>, que me dezia muitas vezes que nem nas cousas temporaes e exteriores era em sua mão desfazer, e quando fazia obras, não acabava consigo [106v] tornar a derrubar cousa que fizesse, porque dezia que o desfazer nunca era sem dano¹⁴⁰. Quando lhe davamos conta de nossos propositos, sempre nos respondia que tudo era santo, mas que melhor era fazer pouco com perseverança, que começar muito e se cansar depressa; e sempre em tudo encomendava perseverança.*

Com esta perseverança santa se abalisou tanto em todo o genero de virtude interior e bons costumes e exemplos exteriores, que elle *só notava conhecidamente, era <no officio e cargo que tinha de prelado, parecia> tanto mais santo que todos seus subditos que quando algum delles se queria muito refinar na virtude não ousava cuidar de si <presumia de si> que chegaria nunca a ser como elle.*

Tal <foi> este nosso <pastor e> prelado, [107r] tal este espelho que Deus nos deu em que vissemos que nos ensinava mais perfeitamente do que no-lo mandaria fazer. E como o Senhor prometeo vida eterna e coroa aos que perseverão¹⁴¹, foi servido de dar a este seu servo tão gloriosa morte que pudesse ser <-mos confiar que seria> começo da grande coroa celestial que sua incansavel perseverança mereceo.

¹³⁸ Hermosa expresión de resonancias paulinas; cf. Flp 1, 21-23.

¹³⁹ San Agustín, *De dono perseverantiae*, 5 (BAC, 6); Santo Tomás, *Summa Theologiae*, parte I-IIae, cuestión 114, 9.

¹⁴⁰ Cf. 2 Cor 10, 8 y 13, 10: "in aedificationem, et non in destructionem".

¹⁴¹ Cf. Mt 10, 22.

Cap. 19¹⁴²: Da morte de frei Luis

Chegando o tempo em que nosso Senhor tinha determinado dar descanso a este servo seu, lhe fez merce de lhe dar hũa morte que convinha a tão leal seu amigo, dando-lhe graça pera se parecer com elle e morrer por suas ovelhas.

No anno de 1569 castigou nosso Senhor este reino com peste, principalmente a cidade de Lisboa, na que dizem que da entrada do mes [107v] de Julho ate fim de Novembro morrerão passante de 40 mil pessoas¹⁴³, com o qual asoute do Senhor se tornou o povo da cidade a elle, com tantas lagrimas, confissõis, comunhõis, esmolas e obras de misericordia e ferveo tanto a charidade nos ecclesiasticos seculares e religiosos em ajudarem o povo a se tornarem a Deos e em curarem e servirem os enfermos e prove-los do necessario, que bem se vio ser este castigo não tanto pera destruição dos corpos quanto pera remedio das almas. Porque as esmolas dos principes e doutras pessoas particulares forão tão groças que ouve homem que deu mais de trinta mil cruzados d'esmolas, e algũs que não tinhão que dar se puserão a servir os doentes com muita charidade. As igrejas sempre estiverão providas de curas, dos quais morreo a mor parte, fazendo seus officios e administrando os sacramentos, [108r] fora outros muitos clerigos que os ajudavão. As confrarias do Santo Sacramento estiverão acompanhadas pera administrarem aos doentes, ho que fazião com muita solenidade e devaçãõ, e andava quasi continuamente o Senhor todo o dia pellas ruas e casas consolando com sua presença aquelles que com sua piadossa mão castigava¹⁴⁴.

A casa da Santa Misericordia fez seu officio admiravelmente, acodindo a todos os doentes e mosteiros larguissimamente. Os religiosos se repartirão pellas partes da cidade onde mais comodamente cada hũs podião acodir aos enfermos. Os padres conegos regrantes que neste reino vivem em perpetua claustra, a deixarão por acodir as almas e necessidades da freguesia de São Vicente, que he [108v] da sua jurdição¹⁴⁵. Os padres capuchos, que vivem fora da cidade¹⁴⁶, deixando o seu retrahimento, com muito fervor ajudavão os pro-

¹⁴² En este caso el ms. escribe la numeración del capítulo en números arábigos, en lugar de los romanos habituales.

¹⁴³ Cf. Pero Roiz SOARES, *Memorial* [c.1600], ed. de Manuel Lopes de Almeida, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1953, 19-38.

¹⁴⁴ Llamativa expresión, poco acorde con la sensibilidad actual. Cf. Sal 39 (38), 12 y 89 (88), 33.

¹⁴⁵ Canónigos regulares de san Agustín, que en Lisboa residían en el convento de São Vicente de Fora.

¹⁴⁶ *Capuchos* era el nombre dado en Portugal a los franciscanos de estricta observancia, que se corresponden con los franciscanos descalzos en España (no confundir con los capuchi-

ximos. Os padres de S. Francisco observantes¹⁴⁷, que costumão ser largos e partir com todos as esmolas que os fieis lhe dão, o forão muito mais neste tempo das proprias vidas que por elles offerecerão. Os padres da Companhia de Jesus, enquanto este trabalho durou se refinarão na charidade que conforme a sua profissão tem em ajudar as necessidades espirituais dos cristãos¹⁴⁸. Aos padres de S. Domingos coube a melhor sorte, que afora servirem e ajudarem a todos por onde quer que podião com muita charidade, tiverão tambem a seu cargo a casa da saude, que estava onde ora se edifica o mosteiro de S. Bento o novo¹⁴⁹, onde concorria muita parte dos doentes da cidade, na qual casa servirão a Deos con tanto fervor, [109r] cuidado e diligencia, que bem mostrarão o amor de Deos e zelo do bem comum que antre elles arde¹⁵⁰.

Pudera de cada hum dizer particularidades de muita edificação e admiraçam, mas como algũs são vivos, e os mortos merecem outra maior copia de palavras que a minha pera se contarem os singulares exemplos de zello e charidade que nos deixarão, por não cortar o fio de minha historia, deixo tudo pera aquelle dia geral em que o Senhor a que elles em seus piquenos servirão, dira adiante de todo o mundo em publico ho que cada hũ delles fez nũa cidade quasi en secreto. Basta por agora dizer em geral que neste negocio pella maior parte andavão empregados os religiosos que nas ordens avia mais abalizados e de mais idade, que ho amor da propria vida que ainda com perda della e com a saber [*em perigo*], muitos [109v] e mui eminentes religiosos se poserão todavia tão sem medo e con tanto cuidado a servir os doentes, que se tem por certo que ninhũa pessoa morreo sem sacramentos de que se soubesse que estava ferida da peste. Andavão pellas ruas buscando doentes, levando-os à casa da saude, procuravão-lhes tudo o que lhes era necessario, consolavão e esforçavão todos a bem morrer e, sem diferença de pessoas, aos mais pobres e desamparados servião com mais charidade, ate de lhes acarrrear agoa, alimpar as chagas e as casas, fazer as camas e tudo o mais que avião mister.

Tomarão os nossos padres do mosteiro de Nossa Senhora da Graça tres ou quatro freguesias que tem pegado consigo e parte d'Alfama e da Moira-

nos que sólo llegarán más tarde al país). Puede referirse al convento de Sintra, o más probablemente al de la Arrábida.

¹⁴⁷ En aquel tiempo los franciscanos observantes estaban divididos en dos provincias: la llamada de Portugal y la de los Algarves.

¹⁴⁸ Cf. Baltasar TELES, *Chronica da Companhia de Jesus*, Lisboa, Paulo Craesbeeck, 1647, II, 196-197.

¹⁴⁹ Mosteiro de S. Bento, o Novo, da Saúde, ou dos Negros: actual sede del parlamento português (Assembleia da República).

¹⁵⁰ Cf. Luís de SOUSA, *República. História de S. Domingos* [1678], Porto, Lello & Irmão, 1977, II, 413-414.

ria¹⁵¹. Quisera frei Luis de Montoia ser hũ dos que avião de [110r] entender neste serviço dos enfermos, mas foi-lhe a mão dom Martinho Pireira, veador da fazenda del-Rei nosso senhor, que era hũ dos que por seu mandado entendia na provisão e guarda da cidade, offerecendo-sse elle a isso por sua muita virtude e zello do bem comũ, e tambem lho estrovarão os padres com areceo de perder hũ prelado tão importante, e com rezão, que dos que servirão aos doentes de fora só os dous escaparão da morte. E vendo este santo varão que todos lhe estrovavão seus desejos, esforsava muito a todos a se offerecerem com gosto a obra de tanta charidade e a não averem medo, assi os confessores como os pregadores, de pregarem e administrarem os sacramentos, o que todos fizeram: hũs pellas casas dos enfermos e outros na igreja do seu mosteiro.

E forão tantos os que se offerecerão [110v] a morrer pellos proximos nesta santa obra, do mosteiro de Lisboa, como dos outros da provincia, que lhe foi necessario ter mão nelles porque, polla bondade de Deos, fervia tanto a charidade em elles, que ate hum velho que andava em muletas se achou pera esta obra tão esforçado que nella acabou. E outro, ferido tres vezes, não deixava de servir, porque tomava a sua conta os escravos e gente mais pobre e não acabava consigo ter conta com sua saude faltando aos desemparados. E os que não andavão servindo pellas ruas, confessavão e sacramentavão na igreja, a qual nunca pera isto se sarrou, nem se negarão sacramentos a quem os pedia, e pregavão os dias santos na sua igreja pera esforsar e consolar a gente que andava em pee.

Mas como esta comunicação hera perigosa, não tardou muito que não entrasse a peste antre os religiosos do [111r] nosso mosteiro de Nossa Senhora da Graça de Lisboa, o que foi no fim do mes de Julho do proprio anno, polo que frei Luis, que ate alli não saia da cella nem perdia a ordem do tempo com que dantes governava sua vida, abriu mão das obras que escrevia¹⁵² e, deixando seu retrahimento e repouso, começou a servir os religiosos e cura-los como pai, o que elles tambem quiserão atalhar e faze-lo sair de Lisboa, pelo medo que tinham de o perder, e ate a rainha nossa senhora Dona Catarina lho pedio por cartas, que elle não quis ler, mas respondeo aos religiosos que o importunavão que se saisse da cidade estas palavras dignas de eterna lembrança: “Não queira Deos que eu agora fuja da morte, que tantos annos desejei; se eu morrer, Deos vos provera de pai, mas eu não ei de deixar morrer meus filhos

¹⁵¹ Ambos eran (y son) barrios que se alzan a los pies del antiguo convento agustiniano de Lisboa.

¹⁵² No sabemos a qué textos se refiere concretamente, en cualquier caso, perdidos en la actualidad.

sem os acompanhar e servir [111v]; faça nosso Senhor de mim o que for servido”.

E logo no começo servia aos doentes e seguia a comunidade, mas depois, lembrando-lhe que podia isto fazer mal aos sãos, soo de noite se hia pera a cella e o dia estava metido com os feridos nũa parte do mosteiro que estava diputada pera elles. Não se pode dizer a caridade e diligencia com que os serviu e curou, alimpando-lhes as chagas e immundicias, fazendo-lhes as camas, lavando os panos cheos de materia e outros serviços mais baixos, que tanto são mais pera admirar quanto são menos pera nomear, deitando-os e alevantando-os, ministrando-lhes os sacramentos, consolando-os na hora da morte com muito fervor, sofrendo os cheiros roins como se fora de pedra, dizendo-lhes muitas palavras devotissimas a todos, e le-[112r]vando-os elle mesmo a enterrar. E hũ religioso que tinha por companheiro, vendo o trabalho que o santo velho levava, trabalhava por ter feito tudo quando elle chegasse, porque tivesse algum alivio, mas elle, como o entendeo, trabalhava tambem porque o não tirasse do trabalho. E andava a compitencia de trabalhar mais que seu companheiro.

E como o mal hia muito por diante e as forças da velhice não podião acudir ao fervor do espirito, começou-se a queixar de si que cansava, mas nem por isso deixou a obra que fazia, e não era muito cansar, porque ouve naquelle mosteiro sesenta feridos de que morrerão trinta: dezoito religiosos e doze escravos e criados. Comia neste tempo asentado no chão com seu companheiro, e como o trabalho era muito, se as vezes tardava o comer, batia [112v] a porta [e] dizia que dessem algũa esmola a frei Luis, e ainda que o comer fosse frio ou mal consertado não se queixava, mas com tanta humildade tomava tudo por esmola e tudo fazia como quem ja não tratava senão de estar offerecido e morrer pella consolação de seus filhos.

E asi foi, que passado[s] quasi seis meses¹⁵³ que hos servia com muito amor, foi nosso Senhor servido que elle também tivesse hũa elevação¹⁵⁴ nũ braço, hũa quinta feira derradeiro dia de agosto. E indo-lhe falar hum religioso que tinha cuidado de comprar o necessario pera o mosteiro, o achou muito contente e lhe dixee, com estranho repouso e alegria: “Filho, dir-vos-ei hũa cousa, se me tiverdes segredo, que me fez Deos merce de me dar neste braço hũa elevação”. Por onde parece que, ainda o spiritu [113r] lhe pedia que calasse e não tomasse outra cura pera si, senão a charidade e amor de curar seus filhos e contentar-se com fazer o officio de bom pastor e deixar o remedio de seu perigo e vida a Deos, *de cuja fee viveo sempre mais que da providencia hu-*

¹⁵³ En realidad fue poco más de un mes. Cf. *supra*, f. 111r.

¹⁵⁴ En el sentido de ‘hinchazón’.

mana <[...] na esperança que tinha em Deos>. Mas o religioso a que isto dixе, ficando fora de si, lhe saltarão as lagrimas dos olhos e o foi dizer logo ao prior e padres da casa. E como foi isto por elles sabido, arreceosos os religiosos do que avia de ser, ho não deixarão mais tornar a sua occupação e o fizerão deitar na cama e ho curarão com muita diligencia. Obedeceo e tomo<u> esta doença com tanta quietação como sempre tomara todas as outras cousas da vida. Estava na cama com muita alegria, falando de Deos e con tanto asosego como quem se via chegar ao que mais na vida sempre desejara.

Arreceavão os fisicos por sua idade e fraqueza [113v] sangra-lo muito, e sem sangria não era possivel escapar, asi que estando por todas [partes?] perigoso, a segunda feira seguinte, quatro dia de Setembro, recebeo com muita devação o sacramento da santa unção, e vendo que acabava, mandou chamar o padre frei Pedro de S. Augustinho, que então era prior do mosteiro e lhe disse que lhe avia de pedir hũa esmola que lhe não avia de negar, e era que o avia de enterrar na capela de nossa Senhora, cujo escravinho elle era, onde estavam as sepulturas dos religiosos, debaixo da pia d'agoa benta, porque no purgatorio gozasse da virtude daquella santa agoa; prometendo-lhe o padre prior que faria o que lhe mandava. Mandou chamar o mestre da obra do mosteiro, e lhe rogou que lhe lançase muita terra e muita cal, e tapase muito bem a sepultura; tudo isto fazia porque não enterravão os religiosos que [114r] morrião deste mal nas suas sepulturas, por ser muito contagioso, mas hũa parte da crasta¹⁵⁵, e não queria que a esmola que a elle fazião da sepultura dentro da igreja fizesse mal a seus filhos. Entregou ao prior a chave de hum seu escritorio, onde tinha o dinheiro que naquelle tempo lhe mandavão pera os pobres e feridos a que os religiosos servião, e hum livro que he ho derradeiro das obras do amor de Deos que elle escrevia, que não tinha acabado¹⁵⁶, rogando-lhe que o guardasse ate que nosso Senhor desse espirito a algum religiosos pera o acabar.

E commungando cada dia na cama, ha quinta feira, acompanhado dalgũs religiosos, com muito desejo de ir ver a Deos, a quem sempre amara, e com muita confiança na Virgem nossa Senhora, que sempre tivera por seu emparo e refugio, dise a derradeira palavra que foi: "Deos meu", e ispirou, entregando àquelle espirito purissimo aquelle cujo [114v] sempre foi, a hũa hora depois de meio dia, na vigilia da Natiuidade de nossa Senhora, comprindo-lhe esta Senhora nisto seus santos desejos que sempre forão de acabar ou em dia ou em bespora sua¹⁵⁷.

¹⁵⁵ Forma arcaica por *clauastro*; cf. *Dicionário Houaiss*, I, 1117.

¹⁵⁶ Sería continuación del libro *Obras de los que aman a Dios*, publicado en Lisboa en 1565.

¹⁵⁷ Era el jueves 7 de septiembre de 1569.

Morreo de setenta e dous annos, tres meses e vinte e tres dias de idade, avendo sincoenta e sinquo annos, quatro meses e honze dias que hera religioso¹⁵⁸, e avendo trinta e quatro annos, hum mes e treze dias que era nosso vi-gairo geral, pastor e pai desta provincia¹⁵⁹, que por seus filhos e ovelhas morreo de peste <quasi> como outro são Luis rei de França¹⁶⁰, de que era muito devoto¹⁶¹, deixando-nos e si muita saudade, muito exemplo e mui claro co-nhecimento do que nelle perdemos e da falta que nos fez, mas muitas espe-ranças que no ceo sustentara com suas orações e *merecimentos* os bens espiri-tuais e religião que com seu exemplo e governo na terra en seus filhos e sub-[115r]ditos plantou.

Foi enterrado o mesmo dia que faleceo na sepultura que elle tinha pedi-do em que dantes ninguem fora enterrado, com muitas lagrimas dos religio-sos e muito sentimento de toda a cidade, que ouverão que neste seu servo lhe tirara o Senhor hum esteio¹⁶² de remedio de tamanho mal como na cidade ardia, e pello muito que dito que com todos tinha de santidade, não cuidava que tinha piquena reliquia quem podia aver a mão algũa cousa de seu vesti-do ou de sua cella, e assi as mais dellas se repartirão por religiosos e pessoas principais da terra que depois as pediram, com muita devação e ffe que têmão no santo varão; nem avia ninguem medo que se lhe pegasse o mal de peste por trazer consigo algũa cousa da cella ou pessoa deste santo varão, como tam-bem nosso Senhor não quis que em-[115v]quanto elle esteve doente, delle se pegasse mal em ninguem, tendo muita mais força a pureza de sua vida que a corrupção do ar de que estava ferido. Doze dias antes que morresse fez o der-radeiro sermão d'Assumpção de nossa Senhora, no domingo de sua outava¹⁶³, em que tratou muito de seus louvores e persuadio com muito espiritu a dese-jarem todos boa morte, quasi adivinhando quam perto a sua estava.

Tres annos depois que elle morreo o reverendissimo Padre Geral desta nossa ordem, mestre frei Thadeu Perugino, vindo a este reino¹⁶⁴, por a noticia

¹⁵⁸ Esto es, desde que ingresó en el convento de Salamanca, el 26 de abril de 1514.

¹⁵⁹ Es decir, desde el 25 de julio de 1535.

¹⁶⁰ En realidad, san Luis (1214-1270) murió frente a Túnez, participando en una cruzada. Pensamos que puede haber aquí una reminiscencia de su conocida solicitud por los pobres y leprosos; cf. Jácopo da VARAZZE, *Leyenda de los santos*, ed. por F. J. Cabasés, Madrid, U.P. Comillas, 2007, 652-656.

¹⁶¹ Recordemos que san Luis de Francia era su santo onomástico.

¹⁶² En castellano: 'puntal, amparo, protección'.

¹⁶³ Debió de ser el domingo 27 de agosto de 1569.

¹⁶⁴ Tadeo Guidelli (Perusino) visitó Portugal durante los meses de junio y julio de 1573. Cf. C. ALONSO, "Las visitas de tres Piores Generales del siglo XVI a la Provincia Agustiniana de Portugal", en *Amar, sentir, viver a História. Estudos em Homenagem a Joaquim Veríssimo Serrão*, Lisboa, Colibri, 1995, I, 275-289.

que tinha da vida e santidade deste varão, mandou que ninguém fosse enterado na sua sepultura¹⁶⁵.

Cap. XX: De quanto acertou frei Luis em se offerecer a perigo de morte

Como todas as cousas, por boas e santas que sejam, estejam [116r] sojeitas aos pareceres dos homens, que sempre são varios e diferentes, não faltarão pessoas que ponderando a importancia da vida deste santo varão e a qualidade de sua pessoa julgasse sua ficada em Lisboa em tempo tão perigoso, por pouco considerada.

Mas a isto não quero dar outra resposta senão hũas palavras de nosso padre S. Augustinho na *Epistola ad Honoratum*, que he antre as suas 180 [?], na qual, tratando de como no tempo de grandes perigos asi he licito porem os ministros eclesiasticos suas vidas em salvo, que não fique o povo desemparado de quem os console e administre os sacramentos, diz que ninguém ponha em salvo sua vida e pessoa por se ter por muito eminente em algũa cousa, e aver a sua vida por muito necessaria, porque quem por esta causa foge dos perigos, he sobejamente amigo de si mesmo e arrogante¹⁶⁶. Porque quando Cristo [116v] nosso Senhor aconselhou em são Matheus que quando nos perseguissem em hũa cidade, fujamos pera outra¹⁶⁷, de tal maneira quis que se isto fizesse que não ficassem as ovelhas que elle comprou com seu precioso sangue desemparadas dos remedios necessarios pera a vida, assi da alma como do corpo, e pera consolação dos vivos e maior louvor dos defuntos que acabarão neste santo exercicio de charidade.

¹⁶⁵ La fama de santidad de Fr. Luis de Montoya llevó a D. Jorge de Ataíde, obispo de Viseu, a promover la traslación de sus restos a la capilla de Nossa Senhora da Graça, en el convento de Lisboa, el 9 de noviembre 1583. En el nuevo sepulcro de mármol se grabó un elogioso epitafio latino: “Mole sub hac lapidum Montoiam e Bethide tellus / Lusitana tegit, si tamen ulla tegit, / Cuius ab exculptu nullis stat decolor annis / Vivida religio. Non iacet ille iacens”. Gracias a la gentileza de D. Emiliano Fernández Vallina, ofrecemos dos traducciones posibles. Primera traducción (literal): “Bajo esta mole de piedras, la tierra portuguesa / cubre a Montoya de Bethide, si se puede decir que cubra algo la tierra. / A partir de su talla, permanece descolorida su vívida religión en ningún año. / Aunque yazca, él no yace”. Segunda traducción (*ad sensum*): “Bajo este voluminoso bulto de sillares cubre la tierra portuguesa a Montoya de Bethide, / si es que puede decirse que cubre alguna tierra. / Con su escultura permanece sin que se desvanezca el color en el pasar los años / su religión vigorosa. Por más que esté dormido, él no está dormido”.

¹⁶⁶ Véase la carta de san Agustín a Honorato (n.º 228), en *Obras de S. Agustín*, XI-BAC, 1070-1083, especialmente 1071-1073.

¹⁶⁷ Mt 10, 23.

Quero trazer à memoria hũa sentença do proprio S. Augustinho, nosso padre, na propria epistola que assima allegei, tratando de quanta diferença ha dos que não fogem da peste [?] e de outros semelhantes perigos porque não podem, e detidos por seus negocios e necessidades, aos que ficão offercidos à morte por remedio de seus proximos. Porque hũs diz que morem por amor de si mesmos, e os outros, pola charidade e por imitar a Christo, que pos a vida por seus irmãos, e diz estas palavras dignas [117r] de eterna lembrança¹⁶⁸. Aquelles que não fogem dos perigos da vida presentes, podendo, por não dessemparar a administração daquelles sacramentos da Igreja, sem os quais não podem os homens ou ser cristãos ou viver christãamente, achão diante de Deos maior fructo de charidade, que aquelles, os quais fugindo dos imigos da fee de Christo por salvar suas vidas e presos por elles, não negão a fee, mas recebem por ella martirio, conforme a qual doutrina de hũ tão eminente e divino doutor, podemos *seguramente* <em algũa maneira> chamar as pessoas que morrerão em Lisboa e nas outras partes deste reino <por> remedia<r>-ndo seus irmãos, martires da <pola> charidade, *asi como chamamos aos outros martires pela fee*, e termos por certo que receberão o premio que o Senhor promete aos que o amão sobre todas as cousas e aos [117v] proximos por amor delle¹⁶⁹, polo qual não soo se não pode estranhar a este santo varão de que tratamos por-se a perigo de morte por suas ovelhas, mas te-llo por muito certo sinal *de ser verdade o que o Senhor teve por bem de revellar do estado de sua alma depois de sua morte, como no capitolo seguinte se diz* <do Senhor lhe dar hũ grande lugar na sua gloria pera sempre. Amen>.

Cap. XXI: De algũas cousas que socederão depois da morte de frei Luis
<este capitulo se pode escusar por certos respectos>¹⁷⁰

*Não estamos sem esperança de nosso Senhor mostrar com as maravilhas que por seus santos faz, quão aceita lhe foi a milagrosa vida deste seu santo, e ainda que ate agora não temos milagres nem cousa pellas quais a Igreja católica o deva de contar no numero dos santos*¹⁷¹, [118r] *como parece que sua vida*

¹⁶⁸ Véase el *Sermón* 46, 3, en *Obras de S. Agustín*, VII-BAC, sobre los pastores que se apacientan a sí mismos.

¹⁶⁹ Cf. Mt 25, 40.

¹⁷⁰ Nuevamente nos encontramos aquí con el criterio prudente y circunspecto del revisor.

¹⁷¹ Según Augustin REDONDO, “a partir de los años 1570, se asiste en la catolicidad, y más directamente en España, a una promoción del culto tributado a los santos [...]. Esto ha conducido a idear modelos que correspondieran por una parte a una extensa demanda popu-

merece, todavia não deixarei de dizer algumas cousas que o Senhor foi servido de revelar, não nomeando a quem, porque ainda que tenho noticia das merces que nosso Senhor tem feito às pessoas a que estas revelações fez, pollas quaes posso cuidar que não era muito descobrir-lhe parte de seus segredos, todavia como são pessoas vivas, e que são obrigadas a aver medo de si e que podem facilmente cair e perder a graça recebida, calarei quem são, porque se conservem em sua humildade e temor, e somente direi o que por Deos lhe foi descoberto, pera edificação dos proximos. Basta que são pessoas pola bondade [de] Deos catolicas e firmes na fee e subgeição da Igreja romana, e o forão des que nacerão. E como estas cousas não são artigos de fee, não se lhe [118v] deve dar mais credito que o que se pode conjecturar que merecem polla vida deste santo, enquanto a Igreja catolica, a cuja sencura¹⁷² sentença tudo esta sometido, não declarar com que certeza se devem crer e afirmar.

Hũa pessoa que tinha comunicação com este servo de Deos, encomendava a nosso Senhor sua alma e doutra pessoa defunta. Estava em oração [quando] interiormente lhe foi revelado que não encomendasse a Deos a alma de frei Luis, senão a outra, porque a de frei Luis logo, em saindo do corpo, vira a Deos.

Outra pessoa, falando comigo na virtude de frei Luis, e que confiamos em nosso Senhor que avia de mostrar quem elle fora, me disse que todas as vezes que entrava na igreja de Nossa Senhora da Graça, costumava lançar agoa na sua sepultura e o encom-[119r]mendava a Deos, mais por devação que tinha a sua virtude que por lhe parecer que tinha disso necessidade, ate que estando hum dia em oração, depois de ter grande desejo de saber o estado de sua alma, lhe foi interiormente revelado que na ora que falecera logo vira a Deos, sem passar por purgatorio, e isto merecera por tres virtudes que tivera muito grandes, afora outras muitas, as quaes forão grande limpeza d'alma, profundissima humildade, grande zelo da salvação das almas; e que na hora da sua morte mandara Deos ao glorioso santo Thomas de Aquino acompanhar sua alma te a levar ao paraíso, porque tivera com elle grande comunicação na vida. E na verdade este servo de Deos era muito affeçoado ha doutrina deste santo e muito seu devoto emquanto [119v] viveo: principal-

lar de maravillas y milagros, en cierto modo en la línea de la 'leyenda áurea', y por otra, a unas exigencias de mayor rigor y acendramiento, según un sistema jurídico y procesal dictado desde Roma. Las nuevas hagiografías han debido amoldarse a esta doble necesidad para alcanzar el cometido propagandístico ideado por el Concilio de Trento": "Un nuevo modelo de santidad en la España contrarreformista: el caso del jesuita Francisco Javier", en I. Arellano – M. Vitse (Coords.), *Modelos de vida en la España del Siglo de Oro*, Madrid, Iberoamericana, 2007, 303-304 [303-326].

¹⁷² Curiosa forma para el adjetivo *segura*.

mente por quão devoto foi do Santo Sacramento e porque se diz delle que mais soube per oraçam que por estudo¹⁷³, e fez escrever hũa oração que este santo dizia antes que entrasse a estudar¹⁷⁴ e teve-a muito tempo diante de si e a dizia.

Jeronimo de Montoya, sobrinho deste servo de Deos¹⁷⁵, me contou que tinha hũa doença que lhe causava grandes dores e com muito trabalho se podia por a cavallo, a qual por ser de muitos annos avia quasi por incuravel, segundo lhe dezião fisicos; e que indo hum dia bem atribulado della fazer oração a sepultura deste servo de Deos, seu tio, e lansar-lhe agoa benta como costumava, se tornou pera casa sem dores, e espantado disso vio que quassi se lhe disfizera hum grande inchaço, e que dahi a muito poucos dias se lhe acabara de des-[120r]fazer de todo, que ouve por beneficio alcançado de Deos por intercessão de seu tio. E hũ surgião¹⁷⁶ muito velho e muito experimentado que o tinha curado me dixeu que se chamava a doença ernia ventosa¹⁷⁷, que he doença incuravel, nem vira nem fez a que sarasse desta doença ninguem por cura, e que a saude deste enfermo elle affirmava e segurava ser milagrossa.

O que também não duvidarei, porque por mais tenho a perpetua perseverança de suas milagrossas virtudes, que o fizerão grande diante de Deos, que mostrar Deos diante dos homens quão aceito lhe he este seu servo na eterna gloria em que confio que vive pera sempre. Amen Jesus.

[120v] *Laus Deo Virgini.*

[*Fin.*].

¹⁷³ Recuérdese su lema: “Contemplari et contemplata aliis tradere”.

¹⁷⁴ Suponemos que alude a la célebre oración que comienza con estas palabras: “Creador inefable, que de los tesoros de tu sabiduría formaste tres jerarquías de ángeles y con maravilloso orden las colocaste sobre el cielo...”.

¹⁷⁵ Este sobrino ya fue mencionado *supra*; f. 58v.

¹⁷⁶ Forma arcaica por *cirurgião*. Cf. *Dicionário Houaiss*, I, 946.

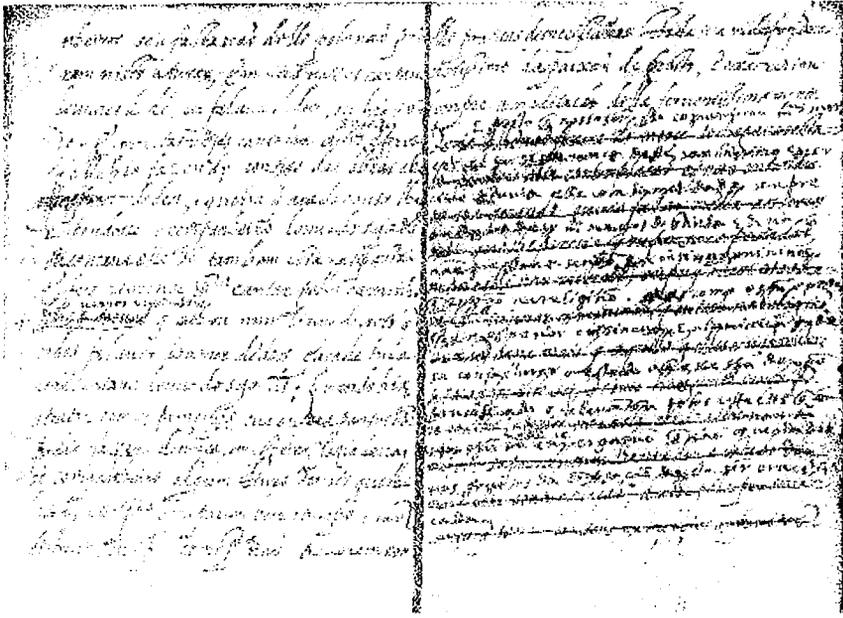
¹⁷⁷ Se trata de un tipo de hernia en el abdomen.

Vida do padre frei Luis de Montoya
 e frei de S.^{ta} Agostina, natural
 do Portugal da cidade dos Car-
 mois de S.^{ta} Agostina, em
 ta e havi annos, duma mes, e por
 a hize dous.

Capitulo do seu nascimento, e de
 sua educação
 no Collegio do Hospital

Frei Luis de Montoya foi natural da
 Villa de Belmonte, na mandado de
 Arrabal, do arcebispado de Toledo.
 Seu pai se chamava Alvaro de Lopez
 haviendo, cinco, e sua mãe Ines de

[Lám. 1: f. 1r]



[Lám. 4: ff. 102v-103r]